

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NA UNIVERSIDADE



DA GRADUAÇÃO
AO PÓS-DOUTORADO

LEO MONASTERIO

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](http://LeLivros.com) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](http://LeLivros.com)

<http://LeLivros.com>



**Manual de Sobrevivência na Universidade:
da graduação ao pós-doutorado
por Leo Monasterio**

Edição de autor

Copyright © 2013 Leonardo Monasterio

Todos os Direitos Reservados

Monasterio, Leo.

Manual de Sobrevivência na Universidade: da graduação ao pós-doutorado/ Leo
Monasterio p.cm.

Inclui índice.

ISBN 978-85-915508-0-7

ÍNDICE

[Prefácio](#)
[ABNT](#)
[Agradecimentos](#)
[Apresentações em congressos e seminários](#)
[Aulas](#)
[Backups](#)
[Bibliotecas e bibliotecárias](#)
[Blogs, Facebook, Twitter e o que mais vier](#)
[Bolsas](#)
[Brigas, críticas e debates](#)
[Caderno de campo](#)
[Cartas de recomendação](#)
[Ciência e picaretagem](#)
[Coautoria](#)
[Concursos para professor](#)
[Congressos](#)
[Dados](#)
[DCEs e centros acadêmicos](#)
[Defesas](#)
[E-mail](#)
[Epígrafes](#)
[Escrita](#)
[Frequência](#)
[Estudo](#)
[Formatura](#)
[Google](#)
[Graduação](#)
[Gráficos](#)
[Inglês e outras línguas](#)
[Khan Academy e cursos on-line](#)
[LaTeX e Lyx](#)
[Lattes](#)
[Notas](#)
[Orientador](#)
[Parecer](#)
[Periódicos Capes](#)
[Plágio](#)
[PowerPoint](#)
[Procrastinação](#)
[Projeto de monografia](#)
[Qualis](#)
[Rejeição](#)
[Reuniões](#)
[Revisão de literatura](#)

[Revisão de texto](#)
[Sexo](#)
[Sokal, o caso](#)
[Submissão para publicação](#)
[Tabelas](#)
[Tese- dez mitos](#)
[Título](#)
[Universidade \(escolha da\)](#)
[Xerox, pdf e livros](#)
[Webpage pessoal](#)
[Wikipedia](#)
[Working papers](#)
[Yahoo](#)
[Zotero e as referências bibliográficas](#)
[Leituras recomendadas](#)
[Sobre o autor](#)

PREFÁCIO

Se você é um gênio, este livro não foi escrito para você. Não me leve a mal, mas gênios, gênios mesmo, são reconhecidos cedo ou tarde. Se você é superdedicado, um obsessivo, este livro também não foi escrito para você. Quem trabalha como louco, acaba dando certo na vida e não precisa deste manual.

Este livro foi escrito para você, estudante de graduação ou pós-graduação, professor iniciante, interessado na vida acadêmica, mas que não é um gênio, nem é obcecado por estudar. Você que até gosta de estudar, mas nem tanto assim. Você que é dedicado, mas nem tanto assim. Você que quer ter dinheiro, mas não tanto assim. Você pode ter um grande futuro na vida acadêmica.

Quer você tenha sido recém-aprovado no vestibular, quer esteja em busca de um pós-doutorado, você encontrará algo útil nas próximas páginas. O mundo acadêmico é isso mesmo, um mundo. Com suas regras, repúblicas, guerras, línguas e etiquetas próprias. O Manual de Sobrevivência pretende ser seu guia, fazendo com que você evite os piores erros, aproveite as oportunidades e, no fim das contas, até curta o mundo acadêmico.

Por que alguém gostaria de viver no mundo acadêmico? Essa é fácil. A vida na universidade é muito boa. Você tem um horário mais flexível e mais liberdade do que a maior parte da raça humana, não transpira, não tem que aguentar clientes chatos, não corre risco de vida. Além disso, por algum motivo incompreensível, a sociedade confere maior *status* social aos acadêmicos do que aos padeiros. Vivemos mesmo em um mundo estranho.

Claro que a experiência universitária depende muito da sua posição. Se você é aluno, a vida na universidade renderá uns bons anos com carteirinha de estudante, conhecendo gente levemente mais interessante do que o resto da humanidade e com mais liberdade do que qualquer outro trabalho de verdade. Você terá alguns motivos para reclamar: aulas chatas, provas e o cansaço diário. Mas tudo isso servirá como desculpa para evitar programas de índio e você ainda terá o apoio da sua família. E mais: quando sair da universidade para o mundo real, você ganhará mais do que se tivesse ficado só no trabalho.

Para o professor, a vida é igualmente boa. Onde já se viu ser pago para falar, ler e escrever? Isso mesmo. E você ainda decidirá o que ensinar. Dentro da sala de aula, o *show* é seu. "E o desafio de encantar os alunos?" — ser professor é como ser ator, mas a diferença é que ao invés da plateia avaliar a sua atuação, você avalia o público. Maravilha. Imagine um ator, em um fim de espetáculo, que, ao invés de esperar aplausos, diz: "Ei, você da última fila, explique-me o monólogo de Hamlet que acabei de representar!". Enfim, a vida de professor está entre as melhores formas de ganhar a vida não condenadas pelos Dez Mandamentos.

E quem sou eu para dar conselhos sobre a vida acadêmica aos outros?

Eu fui um ótimo aluno desde a graduação. Era assíduo, nunca matava aula, estudava com bastante antecedência e as provas eram motivo de prazer. Jamais entrei nos bares próximos da faculdade. Na pós-graduação, eu já seguia todos os conselhos deste livro e fui reconhecido como brilhante. Como professor, eu preparo as aulas já no começo do ano e sempre amei cada instante em sala de

aula. Demonstro especial atenção para os alunos menos interessados e sou compreensivo com os seus problemas. Como pesquisador, sou muito organizado, criativo e dedicado. Minhas contribuições para o conhecimento são relevantes e entraram para a história da Ciência. Sou excepcional!

Como vocês podem imaginar, o parágrafo anterior é uma mentira completa. Os que me conhecem sabem que eu nunca fui um aluno, professor, nem pesquisador exemplar. Na graduação, gastei mais tempo no bar do que o recomendado pela Organização Mundial de Saúde. Eu me desesperava nas vésperas de prova. Hoje, estou muito longe de ser um dos melhores pesquisadores da minha área. Tenho todos os defeitos que você pode imaginar e mais alguns que só eu imagino. Cometi (e cometo) os erros que eu alerto e não sigo o que prego nas páginas que se seguem. Sou bem medíocre.

Justamente porque não sou brilhante, tenho as condições para escrever este livro. Um livro de conselhos de futebol do Pelé só serviria a outros pelés. Como não estou no topo, nem na base da cadeia alimentar acadêmica, tenho uma boa visão do conjunto e sei como estudantes ou professores médios se sentem.

A meu favor, eu devo dizer que tenho um tanto de experiência. Desde que eu entrei na universidade, um pouco antes da chegada da Família Real Portuguesa, até hoje, acabei ganhando algum conhecimento (e perdendo muitos cabelos). Eu já passei por tudo na academia. Fui ótimo e péssimo aluno; fui aprovado e reprovado em concursos; fui de horista à coordenador; fui professor homenageado, mas já reclamaram de mim para a coordenação. No fim das contas, fui professor em umas quatro faculdades particulares, professor ou aluno de cinco universidades federais e pesquisador visitante em quatro instituições estrangeiras. Esse livro foi escrito a partir das notas que eu tomei desde o começo da minha vida acadêmica. Vivi, vi e ouvi muita coisa e é isso que eu passo para você, desocupado leitor.

Confesso que sou economista e toda a minha formação foi com a minha tribo. A minha experiência é parcial (como toda experiência), mas eu tentei sempre conviver com as outras tribos. Conversei com colegas acadêmicos de outras áreas para entender as regras dos demais e ressaltar no texto as maiores divergências.

Antes de começar, aí vão dois avisos:

- Este livro é composto de generalizações irresponsáveis, feitas por um alguém com uma visão incompleta e distorcida da realidade. Se você se sentir ofendido ou sofrer por seguir um conselho deste livro, eu não sou legalmente responsável.
- Ninguém importante nas instituições em que estou empregado tem qualquer responsabilidade sobre o que escrevi. As ideias são todas minhas (ou surrupiadas gentilmente de outros).

Por fim, reconheço que o formato do livro, [em verbetes de A até Z](#), é esquisito. Eu poderia ter escrito capítulos para cada uma das fases da vida acadêmica. Contudo muitos dos desafios se repetem ao longo da carreira, e mesmo gente com experiência comete erros de novato. Assim, você pode ir diretamente para o problema que está enfrentando. O livro não é linear; a vida – inclusive a acadêmica – também não. Divirta-se!

ABNT

A imensa maioria dos seus trabalhos, durante o seu período na universidade, será no formato da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Alguns dos padrões exigidos fazem sentido, outros apenas revelam o mau gosto de quem os definiu. As normas de formatação de páginas e parágrafos não são difíceis de seguir. As mais complicadas e exigentes são quanto às [Referências](#).

Se você não tem distúrbio obsessivo-compulsivo, as normas da ABNT parecerão criadas por alguém que precisa de socorro psiquiátrico. Só alguém muito perturbado seria capaz de definir medidas para as margens, citações e todos os formatos para que os textos acadêmicos sejam igualmente feios. Mas as normas têm sua razão de existir. As normas da ABNT impedem que outros malucos inventem seus próprios jeitos de apresentarem seus textos. Se fossem deixados soltos, imaginem os absurdos que seriam cometidos? Assim, para manter ao menos a consistência na apresentação, segue-se o padrão da ABNT.

Eu, caro leitor, entendo seu sofrimento quando, às vésperas da entrega do trabalho, você tem de perder horas formatando tudo. Eu já passei por isso. Como não há escolha, o melhor é aceitar as normas da ABNT como um dos fardos da vida.

Neste livro, você não encontra as normas da ABNT. Qualquer biblioteca tem dúzias de livros que reproduzem e interpretam as normas. A propósito, não saia atrás do texto original das normas da ABNT, elas são difíceis de serem lidas e aplicadas. Seria só perda de tempo. Nem busque no *site* ABNT, as normas referentes a trabalhos científicos. Eles cobram pelas normas e existem dezenas de livros que mastigam as normas para seres humanos aproximadamente normais.

Pegue emprestado na biblioteca de sua faculdade um livro recente de normas. As bibliotecárias poderão lhe ajudar nisso. Tente pegar as edições mais recentes porque, de tempos em tempos, a ABNT atualiza (outro nome para: "faz modificações sem razão aparente") as normas.

Quer você use o MS Word ou o OpenOffice, eu sugiro que você gaste umas duas horas para aprender a usar as folhas de estilo [\[1\]](#). Com isso, ao invés de você precisar formatar cada trecho por vez, você cria um estilo com fonte, espaçamento e tudo mais e só aplica o estilo nas partes selecionadas. Se você quiser reformatar o texto, basta alterar os estilos e todas as partes marcadas com aquele estilo serão alteradas. Nada de precisar acertar cada trecho um por um. Além disso, quando você submeter um trabalho para publicação, será mais fácil acertar o formato adequado exigido pela revista.

Na escrita do texto, não perca tempo buscando fontes inusitadas. A ABNT não define a fonte a ser utilizada, mas seja careta: use a fonte Times New Roman ou Arial, tamanho 12.

Para a formatação da bibliografia, eu recomendo usar o [Zotero](#). No *software* existem, já preparados, os formatos de saída ABNT.

AGRADECIMENTOS

Junto com a [epígrafe](#), os agradecimentos são a seção mais lida de todo o trabalho. Para não esquecer o nome de alguém, crie um arquivo "Agradecimentos.docx" para ir depositando o nome das pessoas que o ajudaram ao longo trabalho. Seja generoso, mas também não precisa lembrar-se daquela tia legal que trocou as suas fraldas.

Escreva o texto final dos agradecimentos naquele dia em que você está sem ânimo para trabalhar de verdade, ou seja, escrever o corpo do texto. Eu sugiro omitir os agradecimentos da versão que você submeterá à banca. É esquisito você agradecer por algo que – ao menos formalmente – ainda não se sabe se foi bem-sucedido. Se você incluir na seção de agradecimentos o nome dos membros da banca, parece puxa-saquismo. Por sua vez, uma seção de agradecimentos sem o nome de um dos membros pode abalar os corações mais sensíveis. Então, só a versão finalíssima, aquela com capa dura, deve conter a seção de agradecimentos.

APRESENTAÇÕES EM CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

- Conheça o seu público. Cada grupo tem a sua cultura. Na Administração de Empresas, o objetivo é entreter o público. Já se você for um filósofo, sua meta é entediar o público, fazendo com que uns dois ou três membros da plateia pensem seriamente em suicídio. Sério, uma das funções das apresentações é mostrar que você entendeu as regras do grupo acadêmico e está pronto para ser aceito. Sugiro que você assista um bom número de apresentações dos membros mais experientes da tribo antes de ser o protagonista.
- Ensaie, ensaie, ensaie. Até escola de samba ensaia, por que você não iria ensaiar? É ensaio mesmo, não vale ensaiar na sua cabeça. Tente reproduzir as condições reais da apresentação. Nas primeiras vezes, você vai "sair do papel" para consertar uma coisa ou outra da apresentação. Tudo bem. O importante é fazer ao menos dois ensaios integrais, sem interrupção. E sempre com o relógio. Se tiver plateia simulada, melhor. A sua família e os entes amados existem para isso.
- Imprima uma versão para ser lida no tempo que lhe foi atribuído. Caso tudo dê errado e você surtar, resta sempre a alternativa de sentar e ler. Parecerá que você é um filósofo.
- Para distribuir, imprima um número de cópias bem menor do que o esperado na plateia. Umas oito cópias são suficientes.
- Chegue bem antes e teste a apresentação em [PowerPoint](#). O melhor é você gravar o arquivo no *desktop* e dar uma passada rápida nos *slides*. Quando o público chegar, parecerá que você é o anfitrião, e eles vieram só para lhe ver.
- Não seja engraçadinho de início. Nada pior do que uma piada ou historinha que não funciona.
- Seu objetivo máximo é persuadir a plateia de que o seu trabalho é supimpa. Primeiro, você tem de convencê-la que ele trata de algo relevante ("ora, pois nunca pensei que o preço da goiabada em Vassouras, durante o século XVIII, fosse tão interessante", dirão alguns). Depois, você tem de mostrar que o que você tem a dizer é importante ("quer dizer que a goiabada caiu de preço! Quando eu poderia imaginar isso!"). Não os entedie com detalhes irrelevantes (mantenha apenas os detalhes irrelevantes pitorescos). A pergunta que você tem de se fazer é: "O que tenho de interessante para dizer" (não apareceu nada? ... reformulando: "O que tenho de menos desinteressante para dizer"?).
- Enfatize o que você tem de novo e não se preocupe com os detalhes dos métodos. Quem os conhece não precisa que você explique, e quem não conhece não aprenderá na sua apresentação.
- Não é fraqueza assumir os seus erros e possíveis omissões. Mas, tal como na sua vida pessoal, isso deve ser mais um sinal de autoconhecimento do que autodepreciação real.
- É legal mostrar que você teve um trabalho, mas isso deve ser feito da forma breve e discreta. É melhor dizer: "após rodar dois milhões de regressões..." do que mostrar dez tabelas com os resultados das dez

regressões.

- Não responda uma a uma às perguntas do debatedor. Deixe que ele faça todas e vá tomando nota. Quando ele terminar, agradeça e responda só o que você quiser/souber. Ninguém vai perceber. Se não der certo, você tem dois estratégias: a) "ótima pergunta/sugestão, incorporaremos esse debate em uma versão posterior"; b) "Essa é uma ótima pergunta, mas exige uma resposta longa. Poderíamos discutir na hora do cafezinho" (fuja sem olhar para trás).

- Muitas vezes, tem um velho louco aposentado, um militante ou um desocupado na plateia. Ele fará um longo discurso e umas perguntas sem pé nem cabeça. Segure o riso, agradeça e desconverse.

- Roupas: respeite a linha geral da sua tribo e da ocasião. O meu conselho é tão verdadeiro quanto inútil: "esteja um pouco mais formal do que a plateia". Se todo mundo está de camiseta e *jeans*, vá de camisa social e *jeans*. Se todo mundo está de camisa social e *jeans*, vá de calça social. Se todo mundo está de paletó sem gravata, vá com gravata. Se todo mundo está com paletó escuro e gravata, você se enganou e está em um enterro. O problema óbvio desse conselho é saber como os outros estarão vestidos. Na dúvida, pergunte ao seu orientador ou a alguém mais experiente. Eles não vão rir de você.

- Fique tranquilo. A plateia é ignorante (ao menos do assunto do seu *paper*) e nem tão interessada assim. Você conhece as limitações do seu estudo melhor do que ninguém (mesmo que ambas as afirmações sejam falsas, é melhor se autoenganar). Na verdade, eles estão ali porque o ar-condicionado está bom, o *coffee break* está ruim, ou porque estão esperando outro trabalho.

AULAS

Para os alunos

No cursinho, você estava acostumado com aquelas aulas *show*, músicas e piadas. Na faculdade, você não encontrará nada disso. Uma boa parte das aulas será muito chata mesmo.

Acredite se quiser, professor universitário é o único tipo de professor que pode entrar em sala de aula sem nunca ter tido uma aula de didática. Depois de escrever uma tese, ele passa em um concurso com uma prova didática que só testa se ele conhece o conteúdo, não é louco e pronto. Quando acorda, ele tem sessenta pré pós-adolescentes na sua frente e tem de entretê-los por quatro horas. Essa falta de preparo explica uma parte daqueles péssimos professores que você terá de enfrentar. Aqueles que dão boas aulas apenas copiam os melhores professores que tiveram ou são intuitivos.

Em algumas áreas, é bem-aceito fazer rodinhas de alunos para discutir o tema. Eu ainda não vi qual é o valor didático disso. Uma coisa é ter um debate para valer, em que todos leram os textos relevantes e estão prontos e motivados a debater. Outra é usar o tempo de aula para papos-cabeça intermináveis nos quais trocam-se preconceitos e visões confusas sobre o universo e tudo que o cerca. Na hora, pode parecer divertido, mas você verá que esse é o método de ~~enrolação~~ ensino dos piores professores.

Eu sei que, frente às aulas chatas, a tentação para ficar no YouTube é grande. Contudo o professor, lá na frente, sabe muito bem diferenciar a cara de quem está tomando notas relevantes daquela de quem está matando tempo com o último vídeo viral. Você não está em um cinema, e sim em um teatro. Cada conversinha, cada risada serão registradas. Ele vê tudo, ora bolas. Se você se importa com a imagem que o professor tem de você, evite esse comportamento.

A única coisa que eu sempre perdoo dos alunos é o sono em sala de aula. Eu mesmo dormi em ótimas aulas e em palestras dos melhores pesquisadores. Ademais, quem já não dormiu no cinema, vendo uma produção de milhões de dólares?

Para os professores

Uma piada entre professores: "Sabe qual é a diferença entre o professor e o aluno? Uma hora". A piada é sem graça, mas verdadeira (ao menos de vez em quando). Por vezes, os professores têm de ensinar uma matéria que nunca estudaram ou mesmo viram. Da mesma forma que um músico de banda de baile consegue aprender uma música nova rapidamente, um professor "auleiro" facilmente pega a manha de aprender um novo ponto. Se ele é meio procrastinador, acabará deixando para preparar a aula na última hora.

Superestime o tempo de aula. Nada pior do que ver o seu material terminar na metade da aula e você ter de ficar embromando o resto do tempo, ou ser obrigado a fingir uma apendicite. Com a experiência, você se tocará que a sua produtividade aumenta, ou seja, você conseguirá transmitir o mesmo conteúdo em menos tempo. Você evitará aquelas explicações mais enroladas e com maior possibilidades dos alunos (e você) se perderem. Isso, óbvio, cria o problema de tornar a sua aula mais curta. Oh, o preço do sucesso... Nenhum problema, nessa hora, você já pode utilizar o tempo para outras atividades: piadas, comentários sobre atualidades e embromações em geral.

Sempre, fale olhando para os alunos. Se você precisar ler algo no quadro ou no projetor, leia em silêncio, vire-se e, só depois, fale com os alunos. Ler olhando para o quadro não funciona e só sugere insegurança, assim, você perderá o seu público.

Quando surgir um questionamento ao qual você não saiba responder, diga que não sabe e que responderá na próxima aula. Note: você verá que isso será um evento raro mesmo. A maior parte das perguntas se repete ou é muito maluca mesmo. Nas perguntas repetidas, finja que está ouvindo a pergunta pela primeira vez e responda como se você fosse muito sábio. Já para os malucos e suas perguntas, o negócio é segurar o riso e trazer a pergunta para o mundo dos normais. Resista, igualmente, à tentação de brigar ou ridicularizar.

Você também terá de decidir qual será o seu personagem como professor. Como sabemos, os tipos de pessoas no mundo são limitados. As pessoas mudam de aparência e de endereço, mas existe um número limitado de personalidades na Terra para escolhermos. Quando se trata da escolha do seu personagem como professor, o número de modelos é bem mais restrito.

Existem dois tipos de professor que vale a pena evitar, quer como professor, quer como aluno. Um é o deslumbrado com o poder que possui. É um poder limitado ao número de alunos e ao semestre que eles estão cursando, é bem verdade, mas é poder. Mais poder do que qualquer um de nós está acostumado a exercer. Alguns – inexperientes e/ou com problemas de caráter – divertem-se exercendo esse poder de forma destrambelhada. Viram pequenos *hitlers*, mas sem a Polônia para invadir, passam a exercer seu sadismo com os alunos. Eles são reconhecidos porque ficam tristes quando um aluno vai bem na prova.

No outro extremo da distribuição, estão os professores populistas. Tal como os políticos em campanha, esses usam as benesses para encobrir o verdadeiro desinteresse pelos alunos, sua carência afetiva ou ambições na política universitária. Distribuem nota dez, gostam muito de ouvir os alunos e adoram

uma autoavaliação. No fundo, não têm nada o que ensinar. Fique longe.

Felizmente, os dois tipos são os casos raros. Em geral, vale o [segredo](#). Enfim, os professores exigentes o são porque consideram que isso é o certo. Ele foi pago para ensinar um conteúdo e espera que os alunos tenham aprendido. Para um professor normal, nada mais triste do que corrigir uma prova ruim e descobrir que não foi totalmente bem-sucedido na tarefa. O que os professores mais novos não percebem é que – por melhor que seja a sua aula – sempre haverá um conjunto de alunos que se nega a aprender.

Um alerta final: ao menos 1% da humanidade é composta por doidos de pedra. O mesmo acontecerá com os seus alunos. Como você lidará com muita gente, é certo que algum cruzará seu caminho e, com um pouco de azar, algum cismará com você. Tente evitá-lo ou ao menos nunca ficar sozinho com ele. [\[2\]](#) Lamento, mas não há nada mais para fazer aqui. Talvez, uma oração ou um despacho, mas não garanto que funcionem.

BACKUPS

Faça muitos *backups*. *Shit happens*. Eu tenho a crença mística de que quanto mais *backups*, menor é a chance dos problemas ocorrerem. A frequência ideal, obviamente, depende do quanto está em risco. Salvar enquanto você está trabalhando deve ser um tique, uma mania, um hábito que você faz a cada quinze minutos (tenho algo contra o autossalvamento do Word. Talvez, porque não goste do meu computador fazendo as coisas por mim). No final de um dia de trabalho, recomendo um *backup* para um *pen drive* e para um serviço *on-line* ao fim de cada dia ou dois dias.

Backup on-line é muito importante por mera questão de segurança. Se você for roubado, um raio cair em sua casa ou um rinoceronte destruir o seu *notebook*, seu precioso trabalho estará a salvo em algum computador no sul da Califórnia. Hoje, recomendo o [Dropbox](#). Ele cria uma pasta no seu HD sincronizada automaticamente entre todos os computadores. E, quando você estiver *off-line*, a pasta é acessada sem qualquer problema também. Funciona em todo o tipo de sistema operacional, é gratuito, fácil de usar e você até esquece que ele existe. O Google Drive tem a mesma funcionalidade, mas tem um probleminha: não dá para instalar no computador da sua empresa. Já o [Dropbox](#) é instalado mesmo se você não possuir privilégios de administrador do Windows[3]. Ao mesmo tempo, você não pode contar apenas com os serviços *on-line*. Perder uma senha[4] ou a falência de uma empresa são possibilidades concretas. Assim, tenha cópias em sua casa, *on-line* e durma tranquilo.

Apesar de a tecnologia ter evoluído, ainda acho melhor você seguir o seguinte padrão nos seus arquivos pessoais: nome_arquivo_AAMMDD.doc. Ou seja, Monografia_Cap1_090330. Ou seja, esse é o arquivo do capítulo 1 da monografia que foi gravado no dia 30 de março de 2009. De início, parece esquisito, mas a vantagem é que você pode ver instantaneamente qual é a data da versão e – ao mesmo tempo – reduz os riscos de gravar uma versão antiga em cima de uma mais nova.

Resista à tentação de denominar os arquivos como "Tese_final.doc". Por experiência própria, você, em breve, verá surgir arquivos como "Tese_final2.doc", "Tese_final3.docx" e o clássico "Tese_final-versao_muiitofinal_mesmo_agora-paravaler_2.docx".

BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIAS

A biblioteca não serve apenas para encontrar os livros/textos recomendados pelos professores. Por pior que seja a sua biblioteca, uma caminhada entre as estantes resulta em uns achados se você gastar algum tempo folheando os livros relacionados à sua área de interesse. Como os livros são organizados por tema, os livros das proximidades do buscado podem resultar em boas surpresas. Nem tudo está na internet e, às vezes, um bom e velho livro, com mais ácaros do que uma múmia, é o que se precisa.

A biblioteca é também o lugar para começar a busca pelos itens difíceis. Ao invés de ficar "googlando" e tentando encontrar o PDF em um daqueles *sites* de livros piratas, vá para a biblioteca. O COMUT, um programa de empréstimos entre bibliotecas, permite que você tenha acesso a livros do Brasil inteiro. Comece no *site* do [IBICT](#) para buscar em catálogos de diversas bibliotecas ao mesmo tempo. Uma vez tendo encontrado as referências, procure as bibliotecárias.

Falando das bibliotecárias. Tenha muito respeito por elas[\[5\]](#). Com rigor, amor aos livros, apego à organização e óculos fora de moda, elas protegem a civilização dos bárbaros. Minha experiência mostra que elas são ótimas pessoas, dispostas a ajudar e que amam os livros acima de tudo. Faça a sua busca, tente aprender a lógica da biblioteca sozinho, mas, se não conseguir, peça ajuda.

Cultive a amizade com a bibliotecária da sua faculdade. O motivo principal é que elas merecem, mas também porque, com a amizade, elas podem retribuir e quebrar alguns galhos. Elas podem se dedicar mais à busca daquele livro difícil, encontrar o paradeiro daquele livro que deveria estar na prateleira e que algum aluno ogro pôs na estante errada, ou – quem sabe – até perdoar uns dois dias de atraso na entrega do livro.

Uma dica para os professores: depois que os periódicos ficaram disponíveis *on-line*, notei que as seções com *journals* são um ótimo lugar para se esconder e trabalhar em paz quando você estiver na faculdade. As chances de um aluno aparecer por lá são levemente superiores as chances de um milhão de macacos datilografarem um trabalho de conclusão aceitável. Ou seja, possível, mas improvável.

BLOGS, FACEBOOK, TWITTER E O QUE MAIS VIER

Se você usa as redes sociais para contar as suas taras, perversões, manias ou para arrumar mulher/homem, use um pseudônimo. Seria vergonhoso alguém buscar seu nome e cair num grupo do Facebook "Sou picareta, e daí?" ou "Satanistas também são gente" ou "Adoradores dos Ursinhos Carinhosos". Tente separar o seu lado Dr. Jekyll do Mr. Hide o máximo que puder. Abrir seu coraçãozinho nas redes sociais pode trazer muitos *pages hits* e amigos, mas acabará com a sua reputação.

Note que eu sugeri usar um pseudônimo e não usar aqueles recursos de só compartilhar com certos grupos. Seres humanos são dose e sempre arrumam um jeito de fazer com que vazem as informações que você divulga apenas para um círculo restrito. Se você compartilhou sua opinião com uma pessoa só que seja, ela deixa de ser segredo. O ideal seria que você nem estivesse na internet, mas se não resiste à tentação, use um pseudônimo.

Mesmo que você use as redes sociais apenas para fins acadêmicos, pense bastante no que vai escrever. Você escreve para a posteridade. Tudo ficará na internet para sempre. O teste é: será que existe alguma possibilidade, remota que seja, em algum universo real ou alternativo, de que isso possa trazer algum problema para o meu futuro? Bem, se você pensou nessa possibilidade é porque ela existe, então, desista de escrever e vá tomar um ar.

Eu tenho o *blog* <http://lmonasterio.blogspot.com>. Manter um *blog* tem muitas vantagens. Torna você conhecido no seu mundinho. Já fiz contato com muita gente que foi importante na minha carreira através do meu *blog* e acho que valeu para divulgar o meu trabalho (inclusive este livro). Outra vantagem é que o compromisso de postar todo o dia lhe dá uma prática de escrita e uma disciplina que podem ser úteis em outros momentos da vida.

Tem até gente que ganha dinheiro com *blog*. Perca as esperanças de conseguir isso e ter uma carreira acadêmica. Os raríssimos que porventura conseguem já tinham carreiras consolidadas ou acabam saindo dos temas acadêmicos para atrair o público.^[6]

A grande desvantagem de um *blog* e outras coisas do gênero é que eles são os desperdiçadores de tempo perfeitos (veja o verbete [procrastinação](#)), mas nesse caso específico, um limite autoimposto de tempo pode ser útil. Se não der certo, desista do *blog*. Faça um *post* dizendo que o seu compromisso com a vida acadêmica está lhe tomando todo o tempo e que você não tem mais como postar com frequência. Pronto, você estará livre.

BOLSAS

Este verbete não é exaustivo. Seria impossível tratar de todas as bolsas, pois existem uma miríade de modalidades com requisitos e objetivos distintos. E os regulamentos mudam todo o tempo. Um bom jeito de ficar atualizado é dar um pulo na pró-reitoria de pesquisa de sua universidade e pedir informações sobre as novidades. Tratarei então das modalidades mais comuns de bolsas.

Os principais financiadores de bolsa brasileiros são a CAPES e o CNPq. É uma esquisitice que dois órgãos federais, sediados em Brasília, tenham funções sobrepostas. Fazer o quê? Então, em algumas modalidades de bolsa, você terá de fazer o procedimento de solicitação em duplicata.

No estado de São Paulo, existe a FAPESP que tem uma parcela polpuda do orçamento estadual e nada em dinheiro. Já foi melhor, mas ainda continua bastante generosa. Além disso, a FAPESP tem uma institucionalidade que a torna mais protegida das variações da política estadual. As outras fundações estaduais de amparo à pesquisa oscilam entre a penúria e a falência completa (ok, exagerei).

Graduação

A bolsa mais frequente é a Bolsa de Iniciação Científica, vulgo IC. A grana é curta (veja [aqui](#) os valores das bolsas do CNPq no Brasil), mas pode ser uma boa se você tiver um bom orientador como professor.

A principal função da bolsa é dar um gostinho de realidade à vida acadêmica. Normalmente, seu trabalho de pesquisa será o mais braçal, repetitivo e tedioso possível. Se, mesmo assim, você continuar com interesse em pesquisa, é porque você nasceu para a vida acadêmica.

Pós-graduação

Em um curso bom de mestrado ou doutorado, a sua vida será como a de um monge da Idade Média. Muito estudo e nada de luxo. A bolsa vai contribuir para isso. Você não morrerá de fome, mas a grana é curta.

As instituições de fomento podem pagar as taxas escolares do curso. Você se livra do encargo financeiro, mas fica sem o dinheiro no bolso e precisará recorrer a outras fontes de renda. Mas, mesmo em instituições privadas, existem modalidades em que você também terá seu próprio sustento.

Em geral, não desista do curso de seus sonhos porque você não ganhou a sonhada bolsa. A minha experiência mostra que o inesperado acontece e uma bolsa pode cair no seu colo. Às vezes, o curso recebe bolsas extras de alguma instituição de fomento ou algum aluno-bolsista desiste do curso ou quiçá sofre um acidente suspeito (mas sem testemunhas, viu?). O importante é não desistir.

Pós-doc

Ao contrário do que alguns gostam de afirmar, o pós-doutorado não é um título. Significa apenas que você foi professor visitante (ou alguma denominação semelhante) em outra universidade no exterior, normalmente com bolsa brasileira. Se alguém se apresenta como "pós-doutor" como se fosse título acadêmico, desconfie.

Fora do Brasil, o pós-doc é atribuído ao pesquisador que defendeu o doutorado, mas, como ainda não conseguiu ingressar na universidade desejada, conseguiu uma bolsa temporária para continuar na vida acadêmica e na pesquisa. Lá fora, o *status* do pós-doc é bem baixo. No Brasil, o pós-doutorado com esse caráter está sendo chamado de "pós-doutorado júnior" pelo CNPq; a FAPESP também tem essa tradição.

É muito bom cursar o pós-doutorado (no sentido de já-tenho-uma-carreira-e-tenho-de-me-atualizar). Você será tratado como um professor na universidade de destino e terá todas as regalias. Pode assistir aos cursos, aprender com os colegas e se envolver nas pesquisas livremente. Além disso, você não precisará defender uma tese ao final, apenas fazer um relatório de pesquisa ao final da bolsa.

Uma nota: a CAPES e o CNPq não pagam mais as taxas que os cursos por vezes cobram. Normalmente, você pode negociar uma taxa mais baixa, lembrando ao curso que você pagará com os seus próprios recursos. Mas, de qualquer forma, é prudente incluir tais taxas no seu orçamento sobre os custos do período no exterior.

Produtividade em pesquisa

Essa é a bolsa para aqueles pesquisadores mais produtivos na área. Os critérios variam muito entre as áreas. Os comitês das áreas mais sérios têm critérios objetivos baseados na produção científica dos pesquisadores. Outros comitês estão, aos poucos, deturpando os critérios da bolsa de produtividade, incluindo até pontos para atividades administrativas. Isso é uma forma de favorecer a velha-guarda. Como diz o bordão do meu amigo Mauro Oddo: "O que estraga o ser humano são as pessoas".

A bolsa nível 2 é a inicial do pesquisador. Se ele continuar ralando e publicando, passa para 1D e assim por diante até 1A. Ninguém fica rico com os [valores pagos](#), mas o *status* realmente conta. Nas bolsas do tipo 1, o melhor é que existe a "taxa de bancada", ou seja, uma grana para gastar em qualquer atividade de pesquisa que o bolsista quiser.

BRIGAS, CRÍTICAS E DEBATES

Bem, aí vai a minha regra:

Nunca brigue se o adversário estiver a mais de dois desvios padrão de você em qualquer dimensão: conhecimento, ideologia, inteligência ou porte físico.

Se você não sabe o que é desvio padrão, nenhum problema. Traduzindo: nunca brigue se o adversário for muito melhor ou pior do que você em qualquer dimensão: conhecimento, ideologia, inteligência ou porte físico.

Se o adversário é muito mais inteligente ou conhece muito melhor o assunto, ouça-o com atenção, faça as perguntas relevantes e aprenda. Não é vergonha. Agora, se o sujeito é burro ou ignorante no assunto, o melhor é desconsiderar. Afinal, qual é a graça de ganhar uma discussão com um cara desses? Não há jeito de se sair bem. Se você vencer a briga, você terá apenas vencido a briga com um idiota. O que, cá entre nós, não é lá grande mérito. Além disso, os observadores sensatos vão lhe julgar como covarde. Agora, se você tropeçar e perder a discussão, você terá perdido para um idiota. O que, também, não vai ficar bem para você. O melhor mesmo é ignorar as críticas cretinas. Ignorar é ignorar mesmo. Nada de ironias. Só um "É, pode ser", já basta.

No geral, lembre-se: a vida é muito, muito curta mesmo para você perder tempo com besteiras. Ao invés de desperdiçá-lo em brigas bobas, leia um livro, passeie ou sei lá... corte as unhas do pé. Certamente é um gasto melhor do seu tempo do que ficar batendo boca ao vivo ou na internet.

Brigue a boa briga pelo motivo certo e com quem merece. Se você tem razão e o adversário merece a sua energia, não hesite em defender a sua posição com neurônios e saliva. No mais, deixe para lá.

As mães ensinam que é feio criticar os outros. Por simetria, achamos que receber críticas também é ruim. Críticas são boas. São boas para quem as recebe. O espírito do argumento do John Stuart Mill para a defesa da liberdade de expressão também é válido no meio acadêmico. Se quem critica estiver certo, tenho a oportunidade de corrigir os erros. Se quem critica estiver errado, sou obrigado a organizar o meu argumento para melhor rebatê-lo. De qualquer forma, só saio ganhando.

Trabalho bom é criticado. Trabalho ruim é ignorado. Nada mais triste do que apresentar algo e provocar apenas o tédio e o silêncio da plateia. Não ter críticas significa que tudo está tão errado que nem vale a pena sugerir ou questionar. Ser criticado é bom, porque significa que o seu trabalho chamou a atenção de alguém. Ouça, pense e incorpore se considerar necessário.

Crítica externa

Imagine que você é um biólogo e tem de explicar a existência do ornitorrinco. Um bicho com bico de pato, bota ovos, mas amamenta... é mesmo uma bizarrice. Aí você baseia a sua argumentação nos mecanismos darwinistas de seleção natural e no meio ambiente, que permitiram que o bicho evoluísse na Oceania. No final das contas, o público entende que o ornitorrinco até que não é um absurdo. Então, um sujeito lhe interrompe e diz: "sua apresentação está toda errada. Todos nós sabemos que o ornitorrinco é a prova de que deus tem senso de humor".

Contra uma crítica externa como essa, a sua resposta adequada é: próxima pergunta. As pessoas envolvidas em qualquer brincadeira compartilham pressupostos, raramente explicitados. A pesquisa dentro de uma linha de pesquisa se dá sem que esses pressupostos, as regras do jogo, sejam discutidos a cada trabalho. No caso do ornitorrinco, a regra implícita é: "não use a hipótese de que deus existe". Ser criticado por não segui-la é mais ou menos como dizer para um maratonista "Por que você não usou uma bicicleta?".

Meus exemplos são exagerados, mas eu preciso deixar claro o porquê das críticas externas serem tão pouco relevantes. Se você estiver apresentando um trabalho com base marxista, de que adianta alguém dizer que não concorda com a ideia de luta de classes? Se você é analista freudiano, imagine o absurdo de alguém questionar a existência do superego. Infelizmente, ainda se ouve muita crítica externa nos debates. Quem a faz, não entendeu que a conversa acadêmica fica travada se os pressupostos forem discutidos a cada instante. Se não concordam com as hipóteses básicas, busquem a sua própria turma ou criem a sua própria brincadeira, com suas próprias regras. Boa sorte, mas não encham o saco.

Crítica "Por que você não fez o trabalho que eu queria?"

Nesse caso, apesar de muitas vezes ser uma crítica interna, quem a faz quer que você responda a uma pergunta de pesquisa diferente daquela que você respondeu (ou tentou responder). Ou seja, quem a faz propõe que você faça outro trabalho. Nada contra alguém sugerir os próximos passos da pesquisa, minha bronca reside no tom de crítica. A resposta padrão é: "Obrigado pela sugestão" e bola para frente.

Os antropólogos levam o caderno de campo muito a sério. Na verdade, toda a Antropologia se baseia nele. A propósito, se você é antropólogo, pule essa seção porque ela não vai lhe ensinar nada novo.

A ideia é você ter um caderno em que vai anotar, em ordem sequencial, todos os dias de pesquisa. Você escreverá aquilo que você fez, pensou em fazer, referências que esbarrou, comentários sobre artigos que leu e gostou ou não gostou. Tudo isso deve ser anotado no caderno.

Não pense que você se lembrará das suas atividades durante a sua pesquisa. Em duas semanas, os textos que você passou os olhos vão para o mesmo inacessível lugar da sua cabeça em que você guarda a sobremesa que você comeu na semana passada. Ou seja, estão perdidos para sempre. Um caderno de campo bem-mantido é como uma memória externa que lhe impede de repetir passos já dados, além de guardar aquelas ideias que parecem interessantes no momento que você as tem (se a ideia é boa, ou não, você só descobrirá depois. Mas o importante é que você a tenha por escrito). Nossa memória é tão pouco confiável que, muitas vezes, só acredito que fui eu que escrevi porque seria muito difícil acreditar que um *hacker* invadiu o meu computador para acrescentar trechos no meu caderno.

O caderno não é um fim em si mesmo. É só um instrumento e não vale a pena gastar muito tempo mantendo-o organizado. Usar canetas de cores diferentes para cada tipo de anotação ou fazer desenhos caprichados acabam se tornando uma forma de procrastinar o trabalho sério mesmo.

Seja, contudo, rigoroso no caderno. Imagine que está escrevendo não para você, mas para uma outra pessoa que assumirá o seu trabalho no futuro. De certa forma, isso acontecerá. O seu eu-futuro é outra pessoa, bem parecida com você, mas ele daqui a dois meses (ou dois dias) não lembrará do que você sabe hoje. Seja generoso com o seu eu-futuro. Anote tudo de forma detalhada para que ele possa refazer os seus passos, caso isso seja necessário.

Qualquer caderno serve, tanto que ele sempre esteja com você, o tempo todo da pesquisa. Eu sou a favor do caderno em espiral de tamanho médio. Os cadernos em espiral ocupam menos espaço e ficam melhor quando abertos ao lado do computador.

Uma alternativa ao caderno de campo tradicional é você manter um arquivo digital em seu *notebook*. As vantagens são possibilidade de *backup* e o uso do recurso de busca dentro do arquivo. Mas o problema é que você provavelmente não anda com o seu *notebook* todo o tempo. Além disso, o tempo de *boot* ainda é um desestímulo para que se anote isso tudo que vem a sua cabeça.

Tablets são uma opção intermediária: não servem para longas notas, mas são ágeis o suficiente. [\[7\]](#) Enfim, não existe solução única. Cada um descobrirá a melhor forma de ter um caderno de campo. O importante é tê-lo.

Manter um *blog* público sobre a sua pesquisa é uma opção menos desejável. Pois, além de todos os problemas do *notebook* e de conectividade, a falta de

privacidade restringirá os seus movimentos e pensamentos. A única vantagem é que outras pessoas da *blogosfera* poderão lhe ajudar. De qualquer forma, converse com o seu orientador antes de fazê-lo.

CARTAS DE RECOMENDAÇÃO

Ouvi dizer que o Albert Einstein era bastante generoso. Bastava qualquer um pedir uma carta que ele fazia uma elogiando o candidato. O problema é que – com o tempo – suas cartas perderam o valor. Quem apareceria com uma carta de recomendação por ele assinada, já mostrava que era picareta.

Essa historinha reúne os problemas das cartas de recomendação. O valor da sua carta dependerá não só da reputação do professor, como também da sua reputação como fornecedor de cartas. Eu sou um feroz opositor da exigência de cartas de recomendação. Existem tantos problemas nas cartas de recomendação que, no final, não se sabe mais o que elas realmente trazem de informação sobre o candidato. Já soube até de um professor que escreveu uma carta detonando seu aluno "querido" para que ele não fosse aceito em outro mestrado e continuasse na mesma universidade[8].

Aos recomendados

Em geral, peça cartas para os professores com que você realmente teve contato. A carta que ele escreverá soará sincera e não uma daquelas padronizadas que os professores carentes por atenção às vezes fazem. Leve em conta a reputação e a associação do professor com o curso que você almeja. Se o recomendante for um ex-aluno, com bom desempenho, melhor ainda. Eu sei que o mundo deveria ser mais meritocrático, mas não funciona assim.

Alguns cursos pedem que as cartas sejam enviadas diretamente pelo recomendante. Nesse caso de cartas seladas, o importante mesmo é que – de jeito nenhum – você peça para ver a carta.

Outra coisa: se o professor disse que está sem tempo ou não lhe conhece para fornecer a carta, não insista. Normalmente, ele está só querendo lhe poupar de uma carta que lhe prejudicará.

Aos recomendantes

Se você é um professor produtivo, a solicitação do aluno será mais um daqueles pequenos fardos que lhe tiram a atenção. Escolher os adjetivos apropriados e as hipérboles convincentes tomará uma importante meia hora do seu precioso dia. Se o aluno é muito bom mesmo, peça para ele escrever uma prévia do texto. Depois, você poderá fazer os retoques necessários. Para todos os outros alunos, vai dar mais trabalho corrigir do que fazer uma do início (obviamente, é sempre bom ter um arquivo "carta_de_recomendacao.docx" com os clichês mais utilizados).

Para os alunos que você não conhece, ou não recomendaria, *just say no*. Escolha a desculpa: "Perdão, mas eu não o conheço bem" ou "Puxa, eu tenho uma briga com alguém da universidade que você quer ir e isso só lhe prejudicará".

"Science is interesting, and if you don't agree you can fuck off."

Richard Dawkins, citando um editor da New Scientist.

No distante século XX, muita gente sofria de úlcera. Não só a doença era um incômodo permanente, mas também os doentes tinham dietas bem restritas e tomavam remédios diários. Para os médicos, as causas da doença eram o estresse e a alimentação inadequada. Na década de 1980, os médicos Gary Marshall e Robin Warren suspeitaram que a causa poderia ser uma obscura bactéria. Como ninguém acreditava nos pesquisadores, Gary tomou uma atitude radical (e nojenta): tomou um potinho cheio da bactéria suspeita. Bem rápido, ele ficou com uma úlcera horrorosa. Antibióticos o curaram. Em 2005, Gary e Robin ganharam o Nobel de Medicina.

Esse é um bom exemplo do sucesso da ciência. Parece até um filme ruim de Hollywood, mas é uma história real que está de acordo com os sonhos dos cientistas. Gary e Robin tinham uma hipótese que a comunidade científica repudiava, bolaram um teste que poderia mostrar que eles estavam com a razão e acabaram convencendo todo mundo.

Mas será que todo campo científico se encaixa nessa metodologia? Bem, vamos lá. O filósofo da ciência, Karl Popper – o mais influente do século XX – afirmava que hipóteses científicas são aquelas que podem ser mostradas como falsas. Se não houver jeito de mostrar que são falsas, então, não é ciência, é picaretagem. Por exemplo: uma cartomante que diz que a leitura só funciona quando o cliente tiver fé nunca pode ser desmascarada. Quando errar, ela sempre pode culpar o cliente. Um "cientista" que não tem uma hipótese testável ou arruma sempre um desculpa, sempre terá razão, assim, ganhará a discussão. Mas uma vitória em um jogo em que é impossível perder não é vitória.

Em outras palavras, na visão de Popper, uma ciência empírica deve formular hipóteses falseáveis. Deve existir a possibilidade de suas hipóteses se mostrarem falsas. "Amanhã acontecerá um eclipse do sol às 13h", é uma das coisas mais fáceis do mundo de testar.

Já as afirmações "Pena de morte para estupradores reduz o crime" ou "Vitamina C prolonga a vida" são testáveis, mas tremendamente mais complicadas de testar do que as hipóteses mais simples. Muitas outras coisas influenciam a criminalidade e a longevidade, sendo muito difícil determinar a causalidade. Em tese, os estupradores podem matar mais mulheres para que tenham menos testemunhas. Pessoas que tomam vitaminas podem ser mais cuidadosas com a sua saúde, ou mais ricas que as demais. Mesmo assim, ambas as afirmações são científicas porque podem, ao menos em princípio, serem testadas e mostradas falsas.

Já afirmações como "deus nos ama", "os sonhos são expressões do inconsciente" ou a "a luta de classes é o motor da história" não são Científicas com C maiúsculo. As pessoas que acreditam na veracidade delas não podem (e nem querem!) propor testes de suas hipóteses.

O físico Carl Sagan conta uma história que ilustra bem esse problema das

afirmações não falseáveis. Um sujeito conta para um cientista que tem um dragão vivendo na garagem. O cientista diz: "Ótimo? Vamos lá ver". Ai o maluco diz: "É, mas ele é invisível!". O cientista replica: "Sem problemas, vamos jogar farinha no chão da garagem para ver as pegadas". E o doido: "Pena que o dragão só voa". Ai o cientista continua: "Vamos jogar tinta no ar!". Resposta: "O dragão é feito de um material cuja tinta não adere..."

Para cada proposta de testar a hipótese "existe um dragão na garagem", o maluco (ou picareta?) vinha com uma saída que tornava impossível testá-la. O cientista foi incapaz de provar que o dragão não existe, mas de forma nenhuma isso prova que o dragão está lá. Exatamente o contrário é verdadeiro. Uma hipótese não passível de refutação é simplesmente não científica. Chame a polícia ou o hospício.

Um ponto importante na visão popperiana é que você só pode falsear ou deixar de falsear uma teoria. Por mais observações que estejam de acordo com a sua hipótese, não há como ter certeza de que se está sempre certo. Pode ser que as hipóteses sejam válidas só em algumas situações e não em outras. Veja a Física que aprendemos no ensino médio. Aquelas leis de Newton funcionam em um monte de situações. Além de lhe tirem o sono na véspera da prova, as leis servem para calcular quantas horas vai demorar uma viagem, ou a trajetória aproximada de um tiro de canhão. Agora, as leis perdem o sentido quando tratamos do muito pequeno, ou do muito rápido. Não é que o velho Newton errou no sentido trivial do termo, mas apenas que a sua teoria tem limites de validade. Dr. Einstein e cia. tiveram de vir em socorro e ampliaram o objeto da Física.

Por mais que se tenha evidências de que uma hipótese científica é verdadeira, nunca se pode bater o martelo em favor de uma teoria. Só dá para bater o martelo "contra" uma teoria. Nunca a favor. Corte os termos "prova", "comprova" e "verifica" de seu vocabulário. Você só consegue não falsear uma hipótese. Existem profundas explicações de Filosofia da Ciência para isso, mas, por enquanto, basta você assumir a humildade científica.

Tal como eu, você não tem nem ideia de como uma fechadura funciona. Lembre-se que o ser humano não passa de um macaco ridículo, medroso, em um pedaço de terra que gira ao redor de uma estrela irrelevante. Achar que você entende uma lei definitiva da natureza ou da sociedade seria muita pretensão. Por enquanto, sem querer entrar em questões epistemológicas profundas, o melhor é ser (ou fingir ser) humilde nas suas conclusões. Escreva "o trabalho apresentou evidências em favor da hipótese", ou "as evidências sugerem" ou semelhantes. Por mais acachapantes que sejam as suas evidências, seja comedido. Além das razões filosóficas para isso, a história da ciência mostra que a arrogância está a um passo do ridículo.

Tem gente que diz que a psicanálise estaria no mesmo nível da cartomancia: afinal, qualquer coisa que aconteça pode ser explicada por um analista hábil. A psicanálise, junto com boa parte da Antropologia, não tem hipóteses testáveis. O negócio é interpretar os eventos dos indivíduos e das sociedades. São ciências interpretativas que não fazem previsões. Esses campos almejam dar sentido às coisas. Quando um antropólogo vê cerimônia em uma ilha perdida do pacífico, ele tenta entender qual o papel daquele ritual, interpretá-lo.

Por mais que eu seja fã da visão popperiana, penso que as antropologias ou as psicanálises da vida não devem ser rotuladas como não científicas. Tudo bem que elas não apresentam hipóteses falseáveis. Julgá-las pelas métricas da Física ou da Medicina seria maldade e rotulá-las como não científicas seria perder um tanto do conhecimento humano. Elas são outro tipo de ciência e só.

COAUTORIA

Conforme as ciências ficam mais complicadas e a especialização cresce, nada mais natural do que contar com o apoio de seus colegas de ofício. A complementaridade entre os autores faz com que você aumente a sua produtividade e dê um gás ao seu currículo.

Em certas áreas, o número de coautores ficou ridículo. Existe um texto da área de Física com [2.991 autores\[9\]](#). Imagino que para produzir aquele punhado de páginas foram necessárias milhares de horas, em dezenas de laboratórios. Então, nesse caso, não há problema.

Qual o número ótimo de coautores? A escolha do número de coautores é complicada. Coordenar o trabalho de vários autores cresce exponencialmente, especialmente quando o texto for mesmo feito a várias mãos. E as chances de incluir um mala que vai encher o saco dos outros também cresce. Cuidado, então, ao convidar, porque desconvidar é bem problemático. Quanto mais gente no projeto, maiores as chances dos aproveitadores se esconderem na lista de autores.

Algumas áreas, geralmente ligadas às Ciências Biológicas, costumam definir muito bem quem faz cada parte da pesquisa. Tipo: Fulano matou os ratinhos, Sicrano os ressuscitou e Beltrano eliminou os ratos zumbis. Isso é uma prática bem interessante, mas pouco usual nas ciências humanas e sociais aplicadas.

A questão da ordem dos autores varia muito. Em algumas áreas, o normal é a ordem alfabética; em outras, em ordem de contribuição para o artigo. Claro que medir isso é muito complicado. Afinal, cada um tende a superestimar a sua relevância para o trabalho final e isso pode gerar conflitos.

Quando a ordem alfabética não é seguida e todos tiveram a mesma contribuição, eu sugiro privilegiar os autores que estão nas fases iniciais da carreira. Uma exceção: nos trabalhos com grandes equipes, o coordenador do laboratório costuma ser o último da lista. Ele é também o "*corresponding author*", ou seja, aquele que é - no final das contas - o responsável pelo artigo.

O mais normal é que o seu orientador seja coautor na sua primeira publicação. Nesse caso, a fronteira ética é tênue. Quando o orientador efetivamente participou da confecção da versão para submissão, é certo que ele deve constar como coautor. Agora, quando ele lhe orientou, mas não contribuiu com uma vírgula adicional para a versão submetida, existem aqueles que acham isso errado. Eu não vejo muito problema, afinal, ele contribuiu para o conteúdo do seu trabalho. Deixo essa discussão em aberto.

CONCURSOS PARA PROFESSOR

Você terminou o doutorado e agora precisa ganhar a vida. O negócio é fazer um concurso para a carreira docente. Quer nas públicas, quer nas privadas a lógica é mais ou menos a mesma.

Antes de tudo, leia o edital. Leia mesmo. Em voz alta e marcando o texto. Já vi candidatos bons rodarem porque esqueceram um documento ou não viram que a prova era com consulta a livros.

Admito que existem concursos armados. Na minha área, eu já soube de alguns, mas não é um problema endêmico. Uma coisa é a banca já ter simpatia por algum candidato; outra é a mutreta esculachada. Muita gente, má perdedora, gosta de espalhar que tudo no mundo acadêmico é armação. É verdade que tem gente ruim aprovada, mas os bons sempre conseguem, cedo ou tarde, a sua posição ao sol.

Os critérios são subjetivos, então, é compreensível que, na dúvida, a banca escolha alguém que já tenha informação anterior. Daí a importância de estar bem-preparado na hora da prova, mesmo em um concurso em que há um queridinho: é muito constrangedor para a banca aprovar quem teve um desempenho evidentemente melhor do que os outros.

Uma dica para identificar se há armação é atentar para a abrangência da área. Se for algo muito específico que menos de meia dúzia entende e são todos amigos entre si, tenha certeza que é picaretagem. No outro extremo, concursos bastante divulgados tendem a ser mais honestos. Se você esbarra no anúncio do concurso em um monte de lugares, geralmente isso indica que se busca os melhores candidatos.

Na prova didática, siga as recomendações para as [apresentações de congressos](#) e uma adicional: respeite o tempo. Na maioria dos editais, existe uma definição bem rígida da duração da prova e uma banca honesta tem de tirar os pontos do candidato que perde a hora. Duas sugestões: se a sala não tiver relógio, use a) o alarme silencioso do celular no bolso da calça; b) se houver clima para tal, pergunte ao presidente da banca se ele poderia dar um aviso quando o limite mínimo e máximo se aproximassem.

Fundamentalmente: não pareça ser encenqueiro na hora da prova. Lembre-se que a banca está escolhendo quem vai ser o seu colega por boa parte do tempo de sua vida. E nada pior do que um colega que arruma confusão nas reuniões, briga com os alunos ou com a direção. Então, nada de conflitos ou polêmicas pelos seus "direitos" com a banca. Não precisa ser humilde; basta não ter uma postura de confronto.

Por fim, mesmo que o número e a qualidade dos candidatos lhe assustem, vale a pena participar. Eu já vi candidatos ótimos ficarem de fora de um concurso porque temeram perder uns para os outros. Na hora final, só os mediocres apareceram e acabaram sendo aprovados. Na dúvida, compareça.

CONGRESSOS

Os congressos são muito importantes, especialmente no começo de sua carreira. Eles são a oportunidade de você conhecer novas pessoas, ter uma panorâmica da comunidade e – o mais importante – perceber se quer fazer parte do meio acadêmico. Se aquele monte de gente parecida com você, discutindo os mesmos assuntos por três dias lhe agradar, é sinal que você está na carreira certa.

Alertas:

- Tem surgido muitos congressos picaretas, com nomes bacanas (Interplanetary Conference on Technology, Media and Science) que são meros caça-níqueis e sem valor acadêmico. Orlando, Acapulco e Las Vegas são destinos comuns. Fuja disso, eles só querem o seu dinheiro. Se você quiser ir para esses lugares, use as suas férias.
- É muito feio mandar o paper e nem ter planos de comparecer. Sua ausência é, por vezes, perdoável porque as fontes de financiamento tendem a dar a resposta muito em cima da hora. Caso você não possa mesmo ir, faça um favor aos organizadores, avise-os por e-mail assim que souber. É horrível entrar em uma sessão em que os papers são cancelados pela ausência dos apresentadores. Tumultua a ordem dos trabalhos e parece que você tratou o evento com desleixo.
- No mais, divirta-se. Assista a todas as sessões. Tal com os filmes ruins, por pior que sejam as apresentações, a gente sempre aprende alguma coisa. Já as boas sessões podem ser melhores do que o melhor filme. Curta o papo no coffee break e aproveite a celebração de ter gente igual a você por perto.

DADOS

Nos cursos universitários, você tem a oportunidade de aprender as técnicas apropriadas de análise estatística. Mas, às vezes, os professores se esquecem de transmitir alguns dos cuidados básicos.

Faça gráficos

- Antes de começar a trabalhar, faça um gráfico dos seus dados. O primeiro motivo é que as coisas mais estranhas acontecem: erros de codificação, problemas com vírgulas, intervenção divina. Se houver valores anormais, eles aparecerão nos seus dados. Um bom jeito é fazer um histograma rápido para entender a distribuição das variáveis.
- O outro motivo para fazer o gráfico é entender a relação entre as suas variáveis de interesse. O [quarteto de Anscombe](#) mostra quatro conjuntos de dados que têm média, variância e correlação muito próximas mesmo. Contudo, como é fácil ver, a relação entre as variáveis é completamente distinta. Faça então uns *plots* com as variáveis relevantes para o seu estudo.

Dicas gerais

- Faça um arquivo de controle de seus dados, com a fonte precisa dos dados e todas as exclusões e modificações que você fez no banco de dados. Nesse arquivo liste o nome do arquivo e as alterações feitas. Com esse arquivo, você deve ser capaz de refazer todos os passos, desde os dados brutos até o resultado final.
- Aprenda a usar ao menos o básico do Excel. Mesmo que sua área seja como Literatura ou Linguística, você vai se surpreender quando descobrir suas mil e uma utilidades. Nem que seja para calcular as médias dos alunos ou para organizar as suas finanças pessoais, o programa será uma mão na roda. Usar bem o Excel deveria ser uma daquelas habilidades básicas da vida, como fritar um ovo.
- Se você trabalha em uma área qualquer intensiva em dados, eu sugiro ficar bamba não só em Excel, mas no *software* mais popular da sua área que permita a programação. O motivo é simples: mesmo se for apenas para limpar os dados, com o código de programação, você terá o registro de todas as exclusões e modificações feitas. Além disso, você poderá utilizar novamente seu código se necessário. No Excel, caso aconteça alguma atualização, você precisará clicar-copiar-colar-deletar novamente e poderá errar no processo.

DCEs E CENTROS ACADÊMICOS

Frequente o DCE se você tiver dois interesses: maconha e sexo com pessoas de hábitos de higiene pouco rigorosos. É natural que isso atraia a sua atenção durante alguma fase da sua vida (um final de semana, de preferência), mas o DCE traz riscos para a saúde. Você vai ver a barba crescer e você vai começar a achar que as camisetas do Che Guevara lhe caem bem. Se você ficar muito tempo no DCE, você se transformará no *homo oligo-sapiens passeatotum* e em tudo aquilo que você, em 15 anos, repudiará. [\[10\]](#)

Existe gente que pensa que o DCE é o primeiro passo em uma carreira bem-sucedida na política partidária. De fato, vários políticos bem-sucedidos passaram pelas reuniões esfumaçadas do DCE. Mas correlação não significa causalidade e muitos políticos fracassados, que hoje não ganham nem eleição de síndico, também passaram pelos DCEs. Politicamente, os DCEs ocupam o espectro político entre a extrema esquerda e a esquerda-que-perdeu-o-senso-de-realidade. Os que se dizem independentes geralmente não o são; são facções de partidos ou grupos que querem novos membros.

Certos DCEs perdem o senso de importância e passam a discutir a questão da Palestina e votam moções contra o imperialismo *yankee* durante as reuniões. Imaginem o impacto na Casa Branca quando eles souberem disso! Para entender melhor a lógica desses grupos radicais, sugiro o documentário [A Vida de Brian](#), do Monty Python.

Os centros acadêmicos, por sua vez, tendem a ser mais próximos do dia a dia dos cursos e mais livres de discussões políticas. Com isso, podem ser locais interessantes e, com sorte, contribuir para a discussão e solução das questões dos cursos. Basta ter senso de ridículo e reconhecer os limites da ação dos CAs.

DEFESAS

Enfim, a hora se aproxima. Você já está prestes a entregar a versão para a banca, não aguenta mais ver a cara do orientador (e vice-versa). Chegou a hora.

Fique tranquilo. Se o seu orientador aceitou que você vá para a banca existem duas possibilidades: a) Seu trabalho é no mínimo razoavelmente bom e, apesar de sofrer, você será aprovado no final das contas. Uma coisa que qualquer orientador morre de medo é de passar vergonha na frente dos colegas. b) Seu orientador é doido ou um mau-caráter (ou ambos) e quer levar você para os leões como jantar. Se isso acontecer, o que é muito improvável, você não tem muito que fazer. De qualquer modo, você vai ter de fazer o seu melhor na apresentação.

A sua defesa é tão importante quanto a sua primeira vez. E tão apavorante quanto. Outra semelhança: por mais que você tenha praticado sozinho, a outra parte é mais experiente do que você. A principal diferença – eu imagino – é que na defesa de tese ninguém estará bêbado.

Procedimentos para uma defesa feliz:

- Leia o verbete [Tese](#).
- Leia o verbete [PowerPoint](#).
- Você viu um erro horroroso depois de ter enviado a tese? Não entre em pânico. Faça uma errata e envie por *e-mail* para o seu orientador avaliar e encaminhar aos membros da banca. Na hora da defesa, peça desculpas e distribua cópias da errata antes do começo da defesa. Mas isso só para erros feios mesmo. Para pequenos tropeços, deixe estar e só corrija na versão final. A banca precisa de algo para se alimentar.
- Tenha uma versão da tese com a mesma paginação da que foi distribuída para a banca. Nada pior do que ficar indo e voltando nas páginas para achar o trecho que o membro da banca está se referindo.
- A defesa não é o momento para sentimentalismos nem agradecimentos rasgados. Você pode ser mais informal e até contar um pouco dos bastidores e motivação da pesquisa, mas não exagere na informalidade.
- Não discuta com a banca. Defenda seu ponto e o seu trabalho. Você vai ser criticado e algumas críticas serão injustas. Você não precisa sair da sala tendo convencido toda a banca de que tem razão. Esfrie a cabeça e responda sempre tentando evitar o confronto direto. Exemplo. Se o membro da banca disse uma sandice completa, ao invés de dizer: "Que absurdo! Nunca houve bobagem maior na vida", você pode dizer - sem tom de ironia: "Infelizmente, eu não conheço a literatura ou os autores que defenderam esse ponto".
- Não tente responder a todas as perguntas. O normal é o membro da banca fazer as perguntas em sequência. Vá anotando e, quando for a sua vez de falar, responda aquelas que você está seguro. Às vezes, o membro da banca não entendeu um ponto trivial e vai ser fácil responder. Se for mesmo impossível saltar as questões mais cabeludas, não há problema em agradecer a "ótima" pergunta e dizer que não tem certeza para a resposta,

mas que vai examinar a questão.

- Curada a ressaca da comemoração, corra para fazer as correções sugeridas pela banca. Procrastinação é imperdoável nesses casos. Livre-se logo do encosto e toque a sua vida!

E-MAIL

- Na comunicação na academia, não use endereços eletrônicos engraçadinhos ou que revelam seus desvios de personalidade. Ex.: pitbull82@hotmail; beto_flamengista@yahoo.com.br; 30cm20anosSM@uol.com.br.
- Naum ixcreva com ortografia da internet. Parece q vc eh um idiota. Huahuahahau;
- Nunca mande aqueles e-mails com pedidos para crianças doentes, dia do amigo, correntes ou qualquer outra coisa com arquivos PPT para os pesquisadores.
- Se for mandar mensagem para a sua lista de amigos, coloque os endereços no campo "Com cópia oculta" ou "Cco" (Bcc, se o seu programa de e-mail é em inglês). Isso impede que algum dos seus destinatários, um mais mal-educado, use a lista de e-mail que você mandou para distribuir lixo aos seus amigos.
- Não use a letra maiúscula. Nunca. Quando você trava o capslock parece que você está GRITANDO. Não use o capslock, nem quando você quiser gritar no e-mail. Afinal, berrar com os outros é feio (veja a última recomendação).
- Cuidado com o tamanho dos anexos. Depois do Gmail e das conexões de banda larga, os limites aumentaram. Como regra de bolso, sugiro 1 mega como o tamanho máximo de arquivo. Se você tem arquivos bem maiores do que isso, existem três alternativas: a) fazer o upload de arquivo para algum [serviço on-line](#). Você só envia um link para o destinatário; b) Escrever antes para a pessoa, perguntando se pode mandar; c) Gerar um arquivo PDF. Os arquivos Acrobat tendem a ser bem menores do que os do Word, especialmente, quando estes têm gráficos, tabelas e figuras incorporados.
- Sobre o tempo de resposta de um e-mail: para aqueles que exigem uma resposta urgente, espere até uma semana para repetir o pedido.
- Nem pense em tirar dúvidas sobre os conteúdos das disciplinas disparando e-mails contra o professor. Marque um horário de atendimento.
- Nunca mande algo secreto ou privativo por e-mail. Encare e-mail como um cartão postal. Tudo que você escreve não só pode ser lido por qualquer um, como pode ficar no equivalente digital de uma mesa em que todos podem ler.
- Nunca mande e-mails quando revoltado ou bêbado. Eu sei que é difícil cumprir essa recomendação, mas tente internalizá-la com se fosse um tabu. Está com raiva? Não preencha o campo "Para", escreva com toda a fúria, mas resista a clicar no "Enviar". Guarde nos "Rascunhos". No dia seguinte, mais calmo e/ou de ressaca, as coisas terão outra perspectiva.
- E-mails não têm tom de voz e isso pode gerar muitos desentendimentos. Ironias são imaginadas, sarcasmos lidos nas entrelinhas e desprezo entendido em frases inocentes. Às vezes, é melhor pegar o telefone e ligar para resolver a treta ouvindo a voz do interlocutor do que perder seu tempo digitando

furiosamente até que tudo fique esclarecido.

- Se você pediu alguma coisa por e-mail, e a outra pessoa fez, não esqueça de mandar um e-mail de gratidão. Mesmo que você tenha incluído um "Desde já grato" no e-mail pidão, não custa nada um "Muito obrigado" em retribuição. Se fosse ao vivo, você agradeceria. Então, não há razão para não ser igualmente bem-educado no e-mail.

EPÍGRAFES

- A função daquela frase entre aspas é mostrar para o leitor quem você é sem que ele tenha o trabalho de ler o texto. Capriche.
- A melhor fonte de epígrafes está no seu próprio [caderno de campo](#). Nas suas leituras, se você fez direito, deve haver uma frase muito boa que se encaixa bem no espírito do trabalho.
- Eu já vi de tudo como epígrafe: trechos da bíblia, poesia e letras de música[11]. Mas nada de pegar aquelas frases compartilhadas no Facebook com máximas atribuídas ao Gandhi, Chaplin ou ao Einstein. Por via de regra, eles não foram os culpados por aquelas frases com milhares de "Curtir". Livros de citações também devem ser evitados porque as boas frases já foram usadas.
- Resumindo, a epígrafe é o chapéu da tese. Bem-escolhida, ela marca o seu trabalho; mal-escolhida, a epígrafe só mostra que você é um babaca.

ESCRITA

Alguém já disse que o texto fácil de ler foi difícil de escrever. Escrever bem é trabalho e, como tal, não é prazeroso. Escrever é difícil porque, quando você coloca as ideias no papel, as incoerências, falhas do argumento e mesmo sua ignorância ficam claras. Escrever um texto com sentido implica em superar essas falhas. Lamento, mas essa é a dor do parto do texto científico.

Sim, existem exceções: pessoas que escrevem muito bem sem esforço. Essas exceções, exceções são, ora bolas. A má notícia é que esse talento é inato. Não adianta nem tentar ser um grande escritor. Ou você nasce com o talento ou não. A boa notícia: ser um escritor bem bom é quase fácil. Basta você seguir algumas regras simples e seu texto vai ser bom o suficiente para que todos gostem.

Um texto bom convence as pessoas. O mundo é um lugar muito interessante e existem muitas coisas melhores no mundo do que ler um texto científico. Portanto, a sua primeira tarefa é capturar a atenção do leitor e convencê-lo de que o seu artigo diz algo interessante.

Para cativar o leitor, você não precisa ser um gênio da língua portuguesa. Basta que você escreva de forma clara em um texto estruturado e claro. Lembre-se: leitor descansado = leitor feliz = leitor generoso. Isso também não é fácil, mas - seguindo algumas regras (e quebrando outras) - é tarefa perfeitamente alcançável:

- A maior parte dos textos que você gosta foi reescrita e retrabalhada várias vezes. Alguém também já disse: "Não existe texto bem-escrito, só texto bem reescrito". Não se envergonhe de fazer isso, é uma necessidade.
- Tenha um leitor cobaião da sua área. Se ele não entendeu o texto, a culpa é sua. Repetindo: a culpa é sua. Reescreva o texto.
- As duas partes mais importantes do seu trabalho são o Resumo e a Introdução. São nelas que o leitor vai primeiro passar os olhos para descobrir a razão de ser do seu paper.
- O texto é escrito ao contrário da ordem de leitura. A Introdução e o Abstract são as últimas partes escritas de qualquer trabalho científico. Só depois de concluir é que você poderá dizer o objetivo do trabalho. Se você é totalmente linear e faz questão de fazer tudo na ordem, ok. Mas lembre-se que será trabalho perdido. Você terá de trocar tudo.
- Parece uma obviedade, mas você precisa aprender a usar o seu processador de texto. Hoje é mais raro, mas era muito comum ter gente que fazia o recuo da primeira linha usando Tab ou vários espaços. Aprenda a usar os estilos do Word. Sua vida vai ficar bem mais fácil.
- No corpo do texto, cada parágrafo deve ter uma ideia e - de preferência - ela deve ser exposta na primeira frase. A nossa professora de escola já tinha nos ensinado que para cada ideia deve corresponder um parágrafo, mas ela - talvez pensando que continuaríamos escrevendo textos narrativos como "Minhas férias" - esqueceu-se de falar desse truque da primeira frase em textos argumentativos/expositivos. Ou seja, logo na abertura do parágrafo, já deve dizer a que veio. As frases seguintes são

apenas para desenvolver e detalhar o que foi dito no começo. A última frase do parágrafo é também muito importante. Ela deve retomar a ideia inicial ou abrir caminho para o próximo parágrafo. Às vezes, essa estrutura de parágrafo não vai ser possível. Tudo bem. Mas tente se obrigar a pensar no texto dessa forma.

- Você pode repetir palavras. Eu sei que a sua professora ensinou a evitar isso, mas é pura perda de tempo ficar buscando sinônimos para palavras que, ao longo do seu texto, têm de ser repetidas. O leitor pode até achar que você está falando de outra coisa se o sinônimo não for perfeito.

- Fingir profundidade com frases longas e palavras obscuras ou vagas funciona com uns figurões de algumas áreas das ciências humanas. Para mim, os textos dos grandes "intelectuais" só fazem com que os meus fusíveis mentais rompam na tentativa de proteger a minha cabeça. Isso gera sono ou o desejo de incendiar o livro. Esses figurões alcançaram tanta importância que os leitores suam para entender aqueles parágrafos incompreensíveis. Como você não tem esses seguidores, o jeito é ser bondoso com o leitor e se esforçar para tornar a leitura mais fluida possível.

- Alguém disse "escrever é cortar palavras" [\[12\]](#) ~~É a mais pura verdade.~~ Leia o texto e procure primeiro pelos advérbios. Eles são os candidatos a serem cortados primeiro. Eu costumo fazer uma busca por "mente" e apago os que não são essenciais. Tenha cuidado também com o "queísmo", aquela mania de colocar "que" desnecessários nas frases.

Resumo

Ao invés de começar o Resumo dizendo que:

"O tema da influência da televisão na saúde mental de adultos tem sido muito discutido ultimamente e é bastante interessante. Em vários estudos, por todo o mundo, encontrou-se evidência que a exposição... (bocejo)... (bocejo)... (ronco)".

Diga:

"Cada hora diária a mais na frente da televisão aumenta as chances de ter esquizofrenia em 16%. Esse resultado foi obtido a partir de um banco de dados com..."

Não ficou melhor?

O arquivo lixo

Uma das coisas mais preciosas quando se escreve é um arquivo chamado "lixo.docx". Quando você escreve, tem horas que você se solta e começa a ter ideias que parecem sensacionais. Depois, relendo o texto, você verá que elas não são tão boas assim. Você fica tentado a apertar o Delete, mas não quer perder o seu suado trabalho. A solução é copiar o trecho para o arquivo lixo.

Você vai notar que a mera existência do arquivo lixo lhe deixará mais solto na hora de escrever e também mais corajoso na hora de cortar o seu texto na revisão. De tempos em tempos, passe os olhos no arquivo e veja se há alguma ideia a ser recuperada para o texto principal.

FREQUÊNCIA

A maior parte das universidades brasileiras cobra presença dos alunos de graduação. Isso não acontece nas universidades dos EUA nem da Europa (Portugal, eu não sei. Mas Portugal fica perto, porém não exatamente na Europa).

Como professor, eu tenho sentimentos opostos sobre a presença. Claro, incomoda que, nas vésperas da prova, apareça um monte desconhecidos querendo aprender o conteúdo em dois dias. Isso ocorre quando a presença não é cobrada. Por sua vez, é um tanto peculiar que adultos sejam cobrados por estarem onde escolheram estar. Os argumentos para defender a cobrança de presença são estranhos. Quando comecei a dar aulas, um coordenador me disse que eu deveria cobrar presença porque "se um aluno cometer um homicídio, ele pode usar a sua lista de chamada como prova para escapar da cadeia". Ele falava sério.

Eu recomendo que você assista à aula. Se você for estudioso, será uma oportunidade de tirar dúvidas e perceber as nuances do tema apresentado. Se você não for estudioso, acaba aprendendo algo, nem que seja por osmose.

Na sala de aula, não tente enganar o professor fazendo perguntas vazias para ganhar pontos por participação. Isso poderia funcionar nas aulas do primário, mas a maior parte dos professores é hábil em perceber quando um aluno não leu a matéria e só quer fingir que é ativo.

ESTUDO

"Quem lê, não estuda", um professor meu dizia. Isso é a pura verdade, ficar só lendo a matéria não resolve nada. Você lê, lê, lê o mesmo parágrafo e a cabeça começa a viajar. Depois de algum tempo, você se autoengana que entendeu a matéria, mas não lembrará de nada em um par de horas. Esse princípio vale para todas as áreas, mas a tentação de só ler é maior naquelas em que dá para estudar deitado, ou seja, as ciências humanas.

Não fique só na leitura. Faça exercícios, explique a matéria para você mesmo, elabore resumos. Qualquer coisa é melhor do que só ler os textos da disciplina.

FORMATURA

A festa de formatura existe para satisfazer seus pais e quebrar suas finanças. A regra geral é que a formatura é tão mais importante quanto menos esperado é o feito. Da mesma forma que o Fernando Alonso não comemora tanto a vitória quanto o Rubinho.

Nos últimos anos, há uma tendência a festas cada vez mais elaboradas e de gosto mais questionável. Em um ano, balões coloridos caem do teto, no ano seguinte, um helicóptero solta pétalas de rosa sobre os formandos. No final das contas, o dinheiro é seu - ou da sua família - e você pode gastar nas extravagâncias que quiser. Mas é uma boa ideia não se deixar levar pela competição com outras festas e pela última moda.

Qualquer um que faça o discurso em uma formatura, orador ou paraninfo, tem apenas uma obrigação: ser breve. A maior parte da plateia não está lá por você e sim pelos outros (Alguns apenas esperam o jantar e a festa). A maior parte das formaturas ocorre nos dias mais quentes do verão, e um discurso breve é mais memorável do que uma longa e enfadonha lembrança dos melhores momentos dos últimos quatro anos. Três páginas impressas no máximo, em ambos os casos.

Sobre o conteúdo dos discursos, é um mau momento para lembrar as falhas do curso. Por definição, na formatura, já é tarde demais para corrigir qualquer coisa e palavras duras só servem para pôr um tom amargo na festa.

GOOGLE

Tem certeza que você sabe usar o Google? Já vi gente buscando: "quero todos os artigos bons sobre o assunto x". Dá dor no cérebro ver isso.

Existem alguns recursos os quais eu duvido que você use e são fundamentais para encontrar aquele texto que o [Periódicos Capes](#) não tem. Basta colocar o título entre aspas e um "filetype:pdf", e o Google encontra o texto na página do autor ou de algum congresso. Isso resolve meus problemas uns 80% do tempo e poupa uma ida à biblioteca (se o texto for mesmo útil, recomendo que você obtenha a versão publicada do artigo).

Dicas ninja para o Google

Os termos que você deve digitar no Google estão entre chaves.

- Busca frase inteira

Basta colocar o trecho entre aspas para buscar o trecho:

Ex: ["estrutura social"]: Busca as páginas com o termo "estrutura social".

- Busca exata

Impede o Google de tentar adivinhar o que você quer e de corrigir os seus erros de digitação:

Ex: ["econô^mia"]: encontra todas as páginas em que ignorantes, analfabetos e toscos em geral escreveram "economia" com acentuação errada. Em outubro de 2012, resultava em 406 mil páginas.

- Exclui palavra

Permite que você encontre todas as páginas ou documentos que não têm a palavra que deve ser excluída.

Ex: ["classe social" – marketing]: Busca as páginas com o termo "classe social", mas exclui as que possuam a palavra "marketing".

- Busca dentro de um site

Limita a busca ao site ou à parte do endereço do site.

Ex: ["estrutura social" site: gov.br]: Busca o termo "estrutura social" em páginas do governo brasileiro.

- Busca certos tipos de arquivo

Só considera na busca certo tipo de documento. Funciona com todo o tipo de documento. Permite que você busque apenas os arquivos Excel (XLSX), Word (DOCX), PowerPoint (PPTX) e Acrobat (PDF). A propósito, se você usar "ext:" também funciona.

Ex: ["estrutura social" site:gov.br filetype:pdf]: busca arquivos PDF que têm o termo "estrutura social", dentro dos sites do governo brasileiro.

- Busca um termo ou outro

Ex: ["estrutura social" OR "classe social"]: Busca páginas que tenham o termo "estrutura social" ou "classe social"

- Busca termo e preenche lacuna

Ex: ["Segundo *, a estrutura social é "]: Busca as páginas que contêm a expressão entre aspas, mas substitui o * por qualquer termo.

Assim, caro ninja, suponha que você queira artigos PDF sobre "direito do trabalho", mas que não trate de "apostilas", nem "provas", nem que conste o site conjur.com.br. A busca fica:

["direito do trabalho" filetype:pdf -apostila -prova -site:conjur.com.br]

A página de [busca avançada do Google](#) oferece vários desses comandos de um jeito acessível. Mas um ninja não pode temer os comandos de teclado.

Dicas ninja para o Google Acadêmico

O Google acadêmico é a coisa mais fantástica já inventada desde a Diet Pepsi. A busca avançada é superpoderosa, permitindo que você limite a busca por período ou mesmo periódico. Para usar esse recurso, clique na seta, logo ao lado da caixa de busca.

As dicas gerais do Google seguem válidas e você pode usar ainda os seguintes recursos:

- Busca por nome de autor:

Ex: [author: Flores] Busca artigos cujo nome do autor é "Flores", mas não artigos sobre flores.

- Busca por expressão no título.

Ex: [intitle: Flores] Busca artigos que têm a palavra "Flores" no título.

Antes de virar um ás na busca do Google Acadêmico, não se esqueça de ver a interação do mecanismo de busca com o [Zotero](#).

GRADUAÇÃO

A vida na graduação

Dois extremos: você estudou em colégios privados e, agora, tem todo o tempo da vida para fazer a graduação em uma faculdade pública; ou você é um dos alunos trabalhadores que, depois de se aporrinhar no trabalho, cursa Terapia Ocupacional nas Faculdades Reunidas de São Tomé das Letras.

Se está na primeira categoria, você tem a expectativa de que a universidade será uma sequência de festas, churrascos, porres e sexo ocasional. Você não ficará decepcionado. A qualidade dos eventos varia de acordo com os cursos, mas você se divertirá mais do que nunca na sua vida. Tire os primeiros dois anos de curso para aproveitar, amadurecer e queimar os hormônios e os neurônios. A partir daí, já está na hora de tomar vergonha e pensar no futuro. Afinal, ao se formar, você será um desempregado.

Por sua vez, se você é o estudante-trabalhador-que-come-pastel-e-suco-de-dois-reais, a universidade também será o melhor período da sua vida. Você não poderá festejar tanto, afinal, faltará energia e terá de estar apresentável no dia seguinte. Mas, de qualquer forma, o ambiente da universidade é bem mais interessante do que o do trabalho. Boa parte dos professores não é tão mala quanto o seu chefe, e você pode ter um diálogo mais aberto.

O segredo

Talvez você já tenha aprendido o segredo. Talvez não. Quando temos 18 anos, nosso cérebro ainda não está plenamente desenvolvido e nos achamos muito importantes. Na escola, você provavelmente tinha ao menos um professor preocupado com o seu aprendizado e que compartilhava os seus sucessos (e ocasionais fracassos) com os seus familiares. Tudo isso reforçava a ideia de que o seu aprendizado era mesmo importante.

Então, vou contar o doloroso segredo: os professores universitários não estão preocupados com você. Você é apenas mais um rosto, um aluno a mais na lista de chamada, uma prova a mais para corrigir. Só. Talvez por autodefesa, pois caso venham a se preocupar com o aprendizado de cada um, vão se frustrar. Então, eles só não querem que você crie problemas. Só isso já está bom.

Eu não quis ser rude com você. Nada pessoal. Você e eu estamos entre os 100 bilhões de pessoas que já viveram na Terra. Arredondando, você e eu = nada. Claro que, para você, sua vida é o que importa, mas não espere que o professor pense o mesmo. Assim, quando você se achar muito "ixperto" por ter enganado o professor pelo trabalho que copiou ou pela assinatura falsificada na lista de chamada, não se iluda. Na verdade, o professor percebeu, mas não quis se incomodar. A razão é que no fundo ele não se importa com você. Entendeu o segredo?

O único jeito de você ser importante para seu professor é se tornar um ótimo aluno. Um daqueles que ele se orgulhará de ter tido como aluno. Bem, ele se vê um pouco em você e acha que será capaz de conduzir a sua carreira ao sucesso [\[13\]](#) profissional. Isso vai dar um pouco de sentido na vida de um mestre que envelhece rapidamente.

GRÁFICOS

Os gráficos cumprem papéis distintos ao longo da pesquisa: no primeiro momento, eles são seus amigos para lhe ajudar a encontrar gremlins. Ou seja, aqueles erros de digitação ou coisas estranhas que costumam invadir os seus dados. Um histograma é o meu predileto. Se você observa picos esquisitos em alguns, vale a pena olhar com cuidado os dados-fonte. Às vezes, valores como 8888888888 ou 999999999 são usados para representar valores em branco ou não disponíveis. Um graficozinho inicial, ao revelar erros de importação, já me salvou de boas horas ou dias de trabalho. Quando você estiver confiante de que seu banco de dados está limpinho, é hora de entrar no processo exploratório de dados. Nessa fase, você busca padrões, relações entre variáveis, diferenças relevantes entre períodos ou qualquer coisa que possa ser importante para o seu problema de pesquisa. Ao longo de sua pesquisa, faça gráficos e os faça em quantidade. Guarde aqueles mais relevantes e que lhe dizem algo.

Finalmente, na hora de escrever o trabalho científico, considere os gráficos como um espaço nobre. As pessoas adoram ver figuras e já esperam que os seus gráficos apresentem o problema central, o seu argumento básico ou o resultado significativo. Raras imagens valem mais do que mil palavras. Só inclua os gráficos que contarem uma boa história. Tal como no texto, os gráficos devem transmitir a mensagem principal sem embromação, nem exigir esforço do leitor. Então, entre os gráficos que você acumulou ao longo da pesquisa, escolha os que tenham uma mensagem principal. Se estiver com dificuldade em identificar tal mensagem, talvez não deva incluir os gráficos. Lembre-se também de explicitar essa mensagem no texto do trabalho.

Supondo que você já sabe qual mensagem transmitir e o gráfico preliminar está feito, agora, é a hora de aparar as arestas virtuais. É impressionante que existam pessoas tão cuidadosas com a qualidade do seu texto, que passam horas em um parágrafo, mas que gastam apenas trinta segundos com o gráfico *default* do *software*, sem nenhuma reflexão. Capriche no visual, pense nas escalas e em tudo que possa facilitar a vida do leitor.

O primeiro passo é escolher que tipo de gráfico fazer.

Torta/Pizza

Quando usar? Use para representar variáveis categóricas em que o total some 100%. Só use valores medidos no mesmo período de tempo.

Dicas: Esse é um dos mais utilizados pelos iniciantes, mas um dos menos recomendáveis. Evite fatias muito finas ou em número maior do que seis. O número excessivo de cores ou padrões dificulta a leitura correta do gráfico. Se necessário, agregue as categorias.

Barras

Quando usar? Variáveis medidas em com valores brutos (em R\$ ou em toneladas, por exemplo).

Dicas: O valor bruto tem de ser o valor de interesse. Não use quando os dados originais são variações percentuais. Também não inclua muitas categorias de valores em um mesmo gráfico.

Linhas

Quando usar? O importante aqui é a variação e não o nível das variáveis.

Dicas: Passou de cinco linhas, especialmente se houver muitos cruzamentos, pense em outra forma de representação

Scatter (xy)

Quando usar? Ênfase na relação entre as variáveis x e y .

Dicas: Escolha bem o tamanho dos pontos. Quanto maior o número de observações, menor o tamanho. Havendo uma só categoria use pontos e não um daqueles indicadores que o Excel sugere. Nunca ligue os pontos. Identifique os *outliers*.

Coloque a variável independente no eixo X e a dependente no Y .

Orientações gerais

- No Brasil, o padrão é usar títulos de gráficos bem caretas e frios. Algo do tipo: "Relação entre posse de armas por 100.000 habitantes e taxa de homicídios – dados municipais – Brasil -2010". Veja os nomes das tabelas do censo no *site* do IBGE para ver como eles fazem títulos muito precisos. Agora, nas apresentações, você pode ser mais relaxado e intitular o mesmo gráfico como "Mais armas, menos crimes". Em alguns meios acadêmicos, a tolerância com títulos mais *relax* é maior. Por via das dúvidas, seja mais conservador nos textos escritos do que nas apresentações.
- Lembre-se dos rótulos nos eixos e as unidades de medida.
- Prometa para mim que não vai usar o padrão do Excel 2003. Eu penso o quão infeliz era o funcionário da Microsoft que decidiu que o padrão de fundo do gráfico seria cinza e que a cor amarela nas linhas ficava bem. Rezemos pela sua alma. Nas versões posteriores, o problema ficou menos grave, mas ainda são bastante feios. Uma dica: na maior parte das áreas hard, o Excel é coisa de amador. Se o seu gráfico estiver com cara de Excel, o leitor imaginará que você não é um "profissa" do ramo. Qual software de gráficos usar então? Mais uma vez, tente ficar com a sua tribo e use aquele que os melhores da área usam.
- Eu tenho problemas em ler gráficos em três dimensões (e muitos leitores também). A perspectiva torna mais difícil identificar as diferenças reais entre os valores. Evite 3D como se fosse a peste.
- Sou contra o uso de gráfico para variações percentuais. Como você sabe, um aumento de 10% seguido por uma redução de 10% não nos leva de volta ao valor inicial. Um gráfico de barras ou de linhas pode dar essa impressão.
- Sempre que possível, faça o gráfico já em escala de cinza, ou em um padrão preto e branco. Apenas poucas revistas têm impressão colorida e elas podem lhe pedir para transformar em preto e branco (ou mesmo cobrar de você por cada imagem colorida!). Não me venha com essa de dizer que precisa de cores para o seu gráfico. Se você tem de recorrer ao arco-íris é porque o gráfico está poluído. Simplifique.
- Uso de escala logarítmica. Quando o importante for a variação da taxa de crescimento de uma valor é razoável usar uma escala logarítmica. Por exemplo, o aumento da população mundial, ao longo dos últimos séculos, foi tão grande que o gráfico com escala linear (não logarítmica) só mostra uma linha horizontal seguida de uma parede.
- Para aprender o que não fazer, veja [aqui](#) os piores gráficos de trabalhos já publicados, com comentários em inglês.

Existe uma razão fundamental para você aprender outra língua: ninguém fala português. Brasil, Portugal e os outros países lusófonos (êta palavra feia!) são simpáticos, mas a língua portuguesa tem tanta importância no meio acadêmico internacional quanto o conhecimento de física avançada em um papo de boteco. Curioso, mas não vai lhe abrir qualquer porta.

É um clichê, mas lá vai: conhecendo outra língua seus horizontes se expandem. Você descobrirá que muitos grandes "intelequituais" da área, no Brasil, não passam de uma cópia atrasada dos estrangeiros. Você também descobrirá que um monte de gringos já produziu coisas interessantes sobre o tema que você achava que era só seu. O mundo fica maior e melhor. Com tudo isso, você estará à frente dos seus colegas tupiniquins e aumentará as chances de se dar bem na carreira acadêmica.

Mesmo que você não tenha tido uma boa formação em línguas, sempre há tempo de começar. Na questão das línguas, qualquer conhecimento é melhor do que nenhum conhecimento. Cursos instrumentais de línguas – geralmente oferecidos pelas universidades – acompanhados pela (tentativa) de leitura de um livro texto de graduação em uma área geram retornos imensos. É bem mais fácil ler um texto científico da sua área do que algo para o público em geral. Os artigos científicos têm um vocabulário e estrutura repetidos e, como você já possui uma noção do tema, a leitura flui melhor.

Por que aprender inglês? Ele é a primeira escolha de segunda língua mundo afora. Esqueça as bobagens ideológicas anti-imperialistas. Por mais camisetas que você tenha do Che Guevara, é impossível viver no mundo sem falar inglês. Ainda existem subáreas, ideologizadas, em que o inglês é a língua do demo. Eles pensam que o Brasil, Portugal e (ainda vá lá) a França são a vanguarda do saber universal. Não reclame disso. Ao contrário, tire proveito. Se você é de uma dessas tristes áreas, capriche no seu cursinho de inglês. Você se destacará muito mais e esse pessoal antiquado um dia se aposentará, quer da carreira acadêmica, quer da existência terrena.

Um ponto importante: é muito difícil mesmo se livrar dos brasilianismos na hora de falar e escrever na língua estrangeira. Mesmo tendo concluído o curso de línguas e lendo fluentemente, o português contamina o seu texto e pode até torná-lo ilegível para falantes nativos da língua estrangeira. Não se trata de erros crassos ou achar que atualmente é *actually*, nem de falar como o Joel Santana.^[14] Trata-se de detalhes de construção e de uso da língua que acabam prejudicando a apreciação do texto.

Por isso, é importante que quem fizer a revisão ou tradução dos seus textos em língua estrangeira seja um falante nativo. Evite os tradutores brasileiros e peça indicações de nomes para o seu orientador ou para aquele pesquisador do departamento que publica frequentemente no exterior. Hoje, existem serviços *on-line* que se propõem a fazer isso por preços acessíveis: [American Journal Experts](#) e um tal de [Proof Reading Services](#). Eu usei o primeiro um par de vezes: uma vez foi bem bom, mas, na outra, tive de solicitar que o trabalho fosse refeito.

De qualquer forma, fiquei satisfeito. A propósito, se você usar o código GHG87, você ganha um desconto e eu também.

Um último ponto sobre o aprendizado de línguas: saber ler em espanhol não conta. É obrigação de brasileiro ser capaz de ler na língua do Maradona.

Foi difícil encontrar algo com K, então, eu decidi usar a letra K para tratar não só da [Khan Academy](#), mas também das ferramentas *on-line* de ensino. A única que eu usei para valer é o [Coursera](#).

Os cursos *on-line* são bastante úteis para os alunos. Ao invés de você ter aula com o professor disponível na sua vizinhança, você pode ter aula com o melhor professor do planeta. Maravilha, mas não resolve tudo.

Eu não li "Guerra e Paz" e também não fiz os cursos que me interessam do Coursera. Ambos estão ao alcance dos meus dedos a qualquer instante. Como o cursos estão sempre disponíveis, eu fico postergando o começo. A [procrastinação](#) – ou a preguiça pura e simples – continua sendo a principal barreira para o sucesso desses cursos.

"O problema do autodidata é que seu professor é um ignorante".^[15] Sem contato direto com os professores e colegas, o aluno *on-line* se auto-engana e supõe que já aprendeu a matéria após ver uma meia dúzia de vídeos. Cursos *on-line* sem avaliação rigorosa resultam em mera perda de tempo. Não ensinam e nem mostram ao mundo que o aluno é interessado.

Para os professores, vale lembrar que tendemos a subestimar o trabalho de preparação e execução de um curso desses. Geralmente, não basta preparar o vídeo e as aulas; é necessário também tirar as dúvidas dos alunos. Um pequeno número deles tende a requerer uma atenção desmedida do instrutor.

L^AT_EX E L^YX

Se na sua tribo acadêmica é exigido o uso de muitas fórmulas matemáticas, use o [LaTeX](#). Os documentos ficam bem bonitos e o documento estruturado, com formatos rígidos em cada seção. Contudo é uma linguagem bem chatinha de aprender.

Uma solução intermediária é utilizar o [Lyx](#), que, mesmo não sendo tão fácil de usar como o Word, é todo na base do apontar e clicar. Ambos os *softwares* são gratuitos e disponíveis para todas as plataformas.

LATTES

O currículo [Lattes\[16\]](#) é, ao mesmo tempo: um fofoqueiro, uma fonte de referências e um guia para a sua carreira e escolhas. Fofoqueiro porque lá você pode acompanhar a carreira dos seus amigos, desconhecidos e inimigos confessos. Ver quem está publicando o que e com quem; lá você descobrirá que aquele sujeito arrogante fez mestrado na American University de Bagdá. Se o sujeito não tiver o currículo Lattes, desconfie.

O Lattes pode ser usado para o bem quando você quiser ter a referência de todos os trabalhos de um grupo de pesquisadores. Tenho o hábito de olhar o Lattes de alguém com quem vou me relacionar. Se o cara for comentar o seu trabalho, ou for o parecerista em um congresso, ou mesmo for seu colega de mesa, sempre, vale uma olhadinha para saber com quem você estará lidando. Confesso que já mudei um pouquinho o tom de *papers*, mas não o conteúdo, só porque sabia que – do jeito que estava – nunca iria ser aprovado por um sujeito ideologicamente distinto. Ora pitombas, se o Darwin e o Newton mudaram seus textos para agradar os leitores por que você não iria fazer isso?

Olha lá o que você vai colocar no Lattes! Nada de medalha de primeiro colocado no ditado da titia! Tem pouca coisa, deixa para lá. Melhor isso, do que encher de informações que não são ligadas à sua carreira acadêmica. Ficar contando muita vantagem por besteira apenas denuncia que você é um sem-noção. E só incluía as atividades relacionadas com a vida acadêmica. Se você é um biólogo, ninguém quer saber que você trabalhou como caixa de banco. E no texto de apresentação, [nada de achar que está no falecido Orkut](#).

NOTAS

O valor absoluto das notas na universidade não tem importância. Rodrigo Ávila, um ex-aluno meu, disse: "eu tenho orgulho de todos os setes que tirei e vergonha dos meus dez". No ponto. As disciplinas picaretas espalham notas dez, enquanto, nos cursos sérios, o sujeito comemora quando tira 3,5. Certamente, existe uma correlação positiva entre as médias de horas de estudo por curso escolhido e a média no nível individual. Contudo, quando se compara a média entre os cursos, eu arrisco dizer que quanto maior a dedicação dos alunos, menor a nota. Os coitados dos alunos de Cálculo I se matam de estudar e, se tiram seis, dão uma festa. E mesmo dentro de um mesmo curso, quanto mais exigente for a universidade, piores serão as notas.

Por essa razão, a sua média durante o curso de graduação não será lá muito importante para o resto da sua carreira. Aprenda as matérias e evite as reprovações que tudo ficará bem. Já na pós-graduação, apesar dos problemas de comparabilidade, eu sugiro maior atenção às notas.

ORIENTADOR

Buscar orientador é tão complicado quanto escolher seu cônjuge. Tal como nos casamentos felizes, as suas maluquices têm de se adaptar às maluquices da outra parte. Outras semelhanças: os custos de sair da relação são bem altos, e você se decide sem conhecer muito precisamente a outra parte. Não é comum – nem recomendável – que orientador e orientando durmam juntos, mas espero que você entenda o espírito do paralelo.

Existem dois tipos básicos de orientador: aqueles que lhe querem para fazer os trabalhos que eles próprios gostariam, e aqueles que querem que você faça o seu trabalho. Chamá-los-ei de tipo 1 e de tipo A, para que fique claro que não acho um melhor do que o outro.^[17] O tipo apropriado para você dependerá da sua personalidade e das suas intenções.

Se você prefere ter alguém sempre na sua cola lhe dizendo o que fazer e que passos seguir, então, busque um orientador do tipo 1. Esse é aquele que você o procura, meio perdido, e ele já tem uma lista de temas na cabeça e, às vezes, até a estrutura do trabalho. Ele vai lhe passar os textos relevantes e tende a acompanhar os seus passos na escrita mais de perto. É o tipo que vai sempre lhe lembrar do prazo da sua defesa. Com um bom orientador tipo 1, você abre mão de sua liberdade acadêmica em troca da segurança de ter alguém mais experiente, o qual evitará que você faça escolhas erradas ao longo do trabalho. Com certeza, essa é a escolha mais segura; as chances são maiores de você terminar o seu trabalho de forma bem-sucedida.

Se você é um dos tipos que não gosta de pedir ajuda quando está perdido em uma cidade nova e confia no próprio taco, evite escolher o orientador tipo 1. Os conflitos serão inevitáveis se você teimar em seguir o seu caminho. Ter de convencê-lo a cada escolha divergente da dele causará um desgaste da relação que você (e ele) não precisa.

O orientador tipo A é ideal para aquele estudante que gosta de encontrar o seu próprio caminho. Nesse caso, o orientador estará mais distante e seus erros serão todos seus. Para embarcar nesse caminho você precisa ter uma personalidade apropriada para isso. Ou seja, você precisa lidar bem com a insegurança de não ter a mão do orientador tipo 1 para lhe guiar, nem para lhe proteger nas pequenas crises ao longo da pesquisa. Seus encontros serão bem menos frequentes. Ele não lerá cada versão dos seus capítulos. Talvez só comentará os capítulos quando o trabalho já estiver de pé e não corrigirá os seus pequenos erros.

Atenção: tome cuidado se você acha que não precisa de orientação, nem do orientador tipo 1, do A ou nem do Z. Existe sempre a possibilidade de você ser, como direi, levemente megalomaniaco. Não, eu não quero lhe ofender. Mas pode ser, que a sua autoestima esteja em desacordo com a realidade. Façamos um pequeno teste:

1. Você sabe mais do que todos os professores que já teve?
2. Você acha uma besteirada todos os livros que lê sobre o seu tema?
3. Você pensa que teve uma sacada inédita, que revolucionará o

campo?

4. Você acha que Gengis Khan era um sujeito pacato?

Bem, se você respondeu sim pelo menos três vezes, então, sugiro que baixe um pouquinho a bola e espere. Meu caro Amadeus, o mundo ainda vai reconhecer o seu talento e cair aos seus pés, mas não precisa de pressa. Por enquanto, tente moderar os seus impulsos e só toque a vida em diante. Com o tempo, a verdade chegará até você.

Agora que você já sabe qual o tipo de orientador desejado, precisa escolher o nome exato. Dê um pulo na biblioteca da faculdade para ver as teses já orientadas, leia com cuidado o [Lattes](#). O CV do possível orientador revela não só se o orientador é atualizado, mas, também, se costuma publicar com os orientandos e qual foi o destino que estes tiveram. Sugiro também conversas com outros orientandos e ex-orientandos. Porém, ao ouvir a experiência alheia, lembre-se de que as reclamações podem ser decorrentes da incompatibilidade entre as expectativas de orientador e orientado.

Outras considerações para a escolha são as questões de disponibilidade de tempo do orientador. Seria de se esperar que os mais ocupados não tenham tempo para você. Salvo no caso de uma ou outra estrela, não há um grande dilema entre os professores mais atarefados e os que serão bons orientadores. As duas características andam juntas, porque os bons pesquisadores administram bem o seu próprio tempo e sabem da importância de orientar bem uma tese.

Mesmo com o orientador tipo A, tente marcar ao menos uma reunião por mês ou a cada dois meses. Reunião marcada com horário e local. Esbarrão no corredor não conta. Nessa conversa você deverá mostrar o que fez e quais são seus próximos passos. Se você por qualquer motivo não trabalhou, não pense em enrolar o orientador. Lembre-se: ele já esteve no seu lugar e conhece os truques do negócio. Enfim, essa reunião é para ver se a rota do trabalho precisa ser corrigida e não é uma prestação de contas ou uma terapia para você compartilhar todas as suas encrencas. Encrencas, todas as pesquisas enfrentam, assim, tente superá-las sozinho, antes de recorrer ao orientador.

Entre as reuniões, sempre que surgir uma dúvida, a escreva em um arquivo qualquer. Antes de encontrar o orientador, imprima esse arquivo e leve com você. Nada pior do que lembrar, logo depois da reunião, das perguntas que se esqueceu de fazer. Uma coisa curiosa desse arquivo é que você verá que muitas das dúvidas foram sanadas, mas outras ficaram. Esse arquivo entre dúvidas é também um ótimo jeito de segurar a tentação de entupir a caixa postal do orientador com *e-mails* pontuais. Juntando todas as suas dúvidas em um arquivo você tem mais chances de ter uma resposta adequada do que com questionamentos pingadinhos.

Inclua a data no cabeçalho do arquivo Word que entregou impresso ao orientador. Assim, fica mais fácil comparar as versões do trabalho. Além disso, a data serve de lembrete sutil da data que você entregou a cópia ao orientador.

Evite, por tudo que é mais sagrado, brigar com o seu orientador a ponto de ter de trocar. Tente conversar, porque o tempo sempre está contra você e reiniciar com um novo orientador implica em ter de mudar uma parte considerável trabalho. Só faça isso se a situação estiver insustentável e vocês estiverem a ponto

de chamar um advogado e disputar a guarda das crianças.

PARECER

Escrever pareceres, quando feito com o cuidado devido, é uma atividade cansativa, que exige muito tempo e conhecimento. Você não ganha nada de dinheiro nem conta muito nos seus indicadores de produtividade acadêmica. Por que então você deve aceitar? Antes de tudo, encare como parte da vida acadêmica. Na vida cotidiana, a gente aceita convites para ir a compromissos sociais que odiamos, mas temos de ir. Pois é, escrever um parecer é chato como batizado do filho do chefe, mas as engrenagens da vida social – e acadêmica também – têm de estar bem azeitadas.

Existem benefícios também em escrever um parecer. Se o trabalho for bom, você saberá o que está acontecendo na sua área antes de todos, e o artigo pode chamar a atenção para outras referências ou métodos. Além disso, aprofundar-se em um artigo da área é sempre um bom exercício intelectual. É bem melhor do que palavras cruzadas ou *Angry Birds*. Por fim, é recomendável ter uma boa relação com os editores. Nada é muito garantido, mas se você for um parecerista, ele olhará o *paper* que você enviou com mais carinho e mandará para aqueles pareceristas mais ágeis ou que gostam do seu tema.

Claro que se você realmente está sem tempo, ou exaurido, não há problemas em rejeitar de vez em quando os pedidos de parecer. O que não deve ser feito é aceitar e depois estourar os prazos ou ignorar o convite. Em ambos os casos o processo de avaliação fica mais longo, e o autor culpará o editor.

Para os que tenham o gosto pela atividade de dar parecer, sugiro guardar um modelo em Word, com os itens principais que todo parecer dever ter. Tem contribuição relevante? Está bem-estruturado? Problemas de forma? Copiar e colar frases desses pareceres que você já escreveu não é o fim do mundo. Certas frases são clichês mesmo. Dedique o seu esforço para o conteúdo das partes substantivas do parecer e não para a parte lenga-lenga introdutória do parecer.

PERIÓDICOS CAPES

Num mundo distante, quando os animais falavam, mais ou menos no começo da década de 1990, era um saco encontrar um artigo se você morasse fora do eixo RJ-SP. Você tinha de contar com a boa vontade dos amigos para xerocar os artigos e trazer.

Então, pare de reclamar e corra para o [Periódicos Capes](#). É uma maravilha. Ao invés de cada universidade pagar uma assinatura para as editoras internacionais, a CAPES, ou seja, o contribuinte brazuca, compra um pacote de acessos que fica acessível para todas as universidades que possuem programas de pós-graduação. Todo esse conhecimento está disponível para você de graça!

A partir de um computador conectado à rede da sua universidade, entre no *site* do Periódicos Capes e procure o *journal* e o volume do artigo. [\[18\]](#) Com um pouco de sorte, em uns quatro cliques, o artigo estará nas suas mãos, digo, na sua tela.

Agora, vários *journals* permitem o acesso à versão HTML do artigo, mas é melhor fazer o *download* do PDF. Eles são mais fáceis de citar e de organizar. A propósito, mude o nome dos arquivos antes de salvá-los de forma consistente. Hoje, muitos periódicos usam como nome de arquivo um código chamado de Digital Object Identifier, mas não há garantia disso. O meu método pessoal consiste em salvar os PDFs da seguinte forma: SobremomeDoAutor_Ano.pdf. Este livro é, portanto, "Monasterio_2013". Fica mais fácil encontrar os artigos no HD e é assim que eu e a academia nos referimos aos artigos. [\[19\]](#)

E quando o volume ou o periódico não estão disponíveis no Periódicos Capes? Isso acontece. A alternativa é recorrer ao [Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas](#). Esse serviço indica onde encontrar o volume buscado, em todo o território nacional. Com essa informação e a referência completa, converse com as bibliotecárias para ver a possibilidade de receber o artigo via Comut. Se tudo mais der errado e você realmente precisar do artigo, então, o negócio é apelar. Você pode voltar às velhas práticas e recorrer a um amigo de outra universidade (geralmente no exterior) que talvez tenha acesso ao artigo. A alternativa mais radical é contatar o próprio autor do artigo. Busque o *e-mail* na página pessoal do autor. Aproveite para verificar se ele não pendurou a versão final do artigo na página pessoal. Escreva de forma muito gentil e sem intimidades. Lembre-se que o tempo do autor é provavelmente mais caro que o seu, portanto, seja direto. Geralmente, os autores gostam de saber do interesse pela sua obra, mas eles odeiam ser incomodados sem motivo. Repito: só recorra ao autor se todas as possibilidades foram esgotadas e o artigo for realmente necessário para o trabalho.

PLÁGIO

Como o sábio Jorge Ben diz: se malandro soubesse como é bom ser honesto, seria honesto só por malandragem. Não plagie. Nem que o motivo não seja o amor à virtude, mas apenas pelo medo de ser punido. A internet que torna fácil para você copiar um texto é a mesma que faz seu professor descobri-lo. Professores conhecem os alunos mais do que você pensa e é fácil identificar os piores. Eu já recebi textos inteiros copiados e um em que – juro que é verdade – o aluno copiou até os agradecimentos do livro original. Outra: eu até já fui da banca de um trabalho em que o sujeito copiou um trecho da minha própria dissertação de mestrado.

É feio mesmo. Control-C, Control-V é tentador, mas não faça. Se você for um pouquinho bem-sucedido na sua carreira, alguém descobrirá e pega muito mal. Um monte de gente boa e picareta (deixo que você decida quem é quem) já foi acusado de plágio: Marilena Chauí, Martin Luther King e Carlos Alberto Parreira. Mas a hipocrisia campeia e se tenta evitar a divulgação dos casos nas universidades. Uma pena.

Alguns professores têm um prazer mórbido em descobrir plagiadores. E é moleza identificar um plagiário. O texto é bom demais. Nesses casos, nada adianta você copiar o texto de um livro não disponível na internet. Esses professores, que levam a sério seu trabalho, também têm o hábito de ler livros. Assim, o plágio é uma ofensa pessoal à competência do professor e, com um mínimo de dignidade, ele vai ficar louco da vida. Vai querer a sua caveira e sua reputação está perdida para sempre. Melhor arrumar outra ocupação. Tem um livro com ótimas sugestões de carreira: o Código Penal.

Claro que você – aluno honesto – fica chateado por saber que alunos picaretas receberam notas altas de professores picaretas que nem mesmo leram os trabalhos. Fazer o quê? O mundo é injusto mesmo, mas é melhor para a sua consciência (e carreira) você ser honesto.

Comprar trabalhos também não é uma boa ideia. Pense: você não poderá reclamar ao PROCON. O sujeito pode repassar para você um trabalho já requeitado ou muito ruim. Não acredite quando o sujeito lhe disser que escreverá um belo texto sob encomenda. Imagine o tipo de fracassado que vive desse tipo de coisa. Se o sujeito é bom, ele deveria ter outro emprego e não ficar por aí operando em um mercado esquisito como esse.

POWERPOINT

- Não use todos os recursos dos PowerPoint. Eles foram criados apenas para que os embromadores ocultassem com palhaçadas o vazio do que têm a dizer. Nunca use som ou os efeitos de animação divertidos.
- O PowerPoint induz que a sua apresentação seja feita em itens e subitens. Ou seja, você tem o item 2, por exemplo, "Fonte dos Dados", e, dentro dele, o item 2.1 – "A Aplicação do Questionário". Não vá além de dois níveis. Se você começar a ter, na sua apresentação, coisas como item 2.8.3.2, tenha certeza que o seu público olhará incessantemente para o relógio. O ideal mesmo seria fugir da estrutura de itens e contar uma história. Uma estrutura linear de apresentação prende mais a atenção e é mais facilmente lembrada. Mas uma estrutura em itens também não é fim do mundo. O importante é ter uma estrutura.
- Você, que não é um gênio do design, deve copiar as mulheres espertas e optar pelo pretinho básico das apresentações. Use um fundo simples, monocromático ou quase e fontes de uma ou no máximo duas cores de letras. Sempre com muito contraste. Na tela do seu computador, pode ficar bonito, mas as cores do projetor e a iluminação ambiente podem transformar a sua apresentação em um involuntário e indesejável teste de daltonismo.
- Se você quiser mesmo usar estilos mais coloridos, rogo que não use os tão batidos que acompanham o PowerPoint. Como poucos são minimamente aceitáveis, as pessoas acabam escolhendo os mesmos.
- Use a [Regra 10-20-30 de Guy Kawasaki](#). Isto é, dez slides para serem apresentados em 20 minutos e com fonte de tamanho 30. Esse tamanho não é apenas para facilitar a vida dos míopes. Serve também para lhe forçar a sintetizar a sua mensagem. Achou o tamanho 30 muito rígido? Então, siga o algoritmo do mesmo Kawasaki. Divida por dois a idade do mais velho membro da plateia. Use a fonte desse tamanho. Use a fonte Arial ou qualquer outra sem serifa (ou seja, sem enfeites nas pontas das letras) e não tente entulhar informação.
- Pelamordedeus - não leia os slides para a plateia. Ela é alfabetizada e vai se entediar até a morte se você ficar lendo em voz alta.
- Nunca coloque aquelas tabelas entulhadas com resultados estatísticos ou testes adicionais (se quiser, coloque alguns slides extras ao fim da sua apresentação com as informações de suporte àquelas perguntas que sempre surgem. Assim, quando perguntarem: "você testou se as variáveis cointegram?" Você – Bam! – mostra o slide dos resultados dos testes).
- Se você está tendo problemas em fazer com que tudo caiba em um slide só, desista. Isso é um sinal de que você deve dividir a informação em dois slides ou que há informação que pode ser omitida.
- Cuidado com a ortografia. Será fatal para sua reputação a troca de um "s" por "z" em fonte 30, projetada numa parede. Mande a apresentação para outras pessoas verificarem.
- Tenha backups em vários formatos de arquivos e de suportes (pen drive,

CD-ROM e tábuas de argila). Datashows explodem, pen drives queimam e você não pode ficar de mãos abanando. Se você for muito cauteloso, imprima umas cópias com uns seis slides por página para distribuir.

- O PowerPoint tem seus bugs: não só há incompatibilidade entre versões, como também entre apresentações gravadas em máquinas com versões do software em línguas distintas. Especialmente fórmulas e gráficos viajam mal entre versões. Como solução, sugiro que você grave a apresentação também em PDF. O Impress (do pacote do Open Office) também tem problemas de compatibilidade com o PowerPoint, mesmo quando você exporta para este formato de arquivo.

- Lembre-se: F5 para o modo de apresentação. Eu fico muito angustiado quando o apresentador briga com o mouse até encontrar a opção no menu ou o ícone no canto inferior direito.

- Se em algum momento você não tem nada na tela para mostrar, chame a atenção para você próprio. Como? Com um slide em branco. Automaticamente, as pessoas acordarão do transe que talvez estejam e ouvirão o que você tem a dizer. Caso você não tenha lembrado de inserir esse slide, basta teclar W (tem de ser o w maiúsculo) para que o slide branco apareça. Se você teclar B – de Black – a tela fica escura. Isso é útil quando você quer desligar temporariamente a luz no projetor.

- Quer dar uma de profissional? Salve o arquivo "Apresentação de Slides do PowerPoint" (PPSX) e não como "Apresentação do PowerPoint" (PPTX). Com isso, quando você abre o arquivo, o PowerPoint entra já no modo de apresentação em tela cheia.

- Eu não fã de *pointers laser*. Afinal, se o slide estiver bem feito, o ponto importante já deve estar claro. De qualquer forma, se você precisar apontar algo, basta apertar CTRL e o botão esquerdo do mouse. Uma bolinha vermelha virtual aparecerá na apresentação. Só funciona para quem tem PowerPoint para Windows a partir da versão 2010. Os demais devem passar no camelô e comprar a canetinha laser.

PROCASTRINAÇÃO

É o seu maior inimigo. Seu inconsciente faz com que você arrume desculpas para não trabalhar. Basta você se sentar na frente do arquivo em branco que outras tarefas urgentes surjam na sua mente (agora, sou vítima irresistível de uma vontade de entrar no *site* da Folha de São Paulo para ver se o mundo não acabou). Um caso clássico é tirar o tempo para planejar o seu calendário ou a agenda diária de trabalho. A causa básica da procrastinação não é a preguiça. É uma certa desconfiança de que não estamos à altura da tarefa que faz com que a empurremos com a barriga. Essa dúvida é quase sempre infundada, mas não queremos enfrentar a realidade e tirar a dúvida.

Como todo problema que não tem solução, existem diversas formas para enfrentar a procrastinação. O primeiro passo, óbvio, é tal como um alcoólatra, sair da fase da negação e assumir que você tem o problema. Comprometa-se a passar cinquenta minutos sem se levantar, nem checar *e-mail* ou ir para outro *site*. Os dez minutos entre as horas são seu prêmio para tomar um café, água e checar *e-mails*.[\[20\]](#)

Outra forma de enfrentar a procrastinação é colocar metas de curto prazo. Pense algo como uma página de texto bruto por dia. Parece pouco, mas não é. Em dois meses, você teria um monografia feita, em cinco, uma dissertação média e, em um ano, uma tese das grandes. Não se iluda porque não é mole escrever uma página inteira de texto. Tente os dois métodos de metas – tempo ou página – e veja qual é o mais adequado para você.

A internet é uma máquina de procrastinação. Tudo é muito interessante, especialmente quando há trabalho chato a ser enfrentado. Feche as janelas dos programas e tire todas as notificações de *e-mail*. Existem *softwares* que limitam só o acesso às redes sociais (como o *plug-in* do Firefox Leechblock ou o Anti-social) e há os mais radicais que bloqueiam toda a internet (como o popularíssimo [Freedom](#)). Casos mais graves de procrastinação internética, a recomendação é tirar o cabo e pedir para alguém esconder ou mesmo ir para algum lugar sem conexão *wireless*.

Uma técnica mais subversiva é a proposta pelo filósofo John Perry. Ele criou o termo "[procrastinação estruturada](#)" para sua estratégia de trabalho. Ele faz o seguinte: imagina uma tarefa muito chata para fazer. Por exemplo: corrigir os trabalhos dos alunos. Para evitar essa coisa chata, ele acaba fazendo coisas que originalmente não seriam tão atraentes, mas, em relação à chatice da tarefa principal, parecem apetitosas. Assim, ele produz coisas interessantes apenas como forma de evitar essa tarefa chata[\[21\]](#). Eu não recomendo esse método no caso da monografia, porque é muito provável que ela seja a tarefa principal que você buscará evitar.

A sugestão final de organização de tempo: tenha duas listas de coisas para fazer. Qualquer papel serve. Em uma, escreva tudo que você tem de fazer que não esteja relacionado com o seu trabalho. Coloque tudo na lista, desde as tarefas do trabalho às ligações de ordem pessoal. A outra lista deixe só para o seu

trabalho de pesquisa. Eu costumava recomendar uma lista em papel por um motivo simples: dá uma tremenda satisfação de dever cumprido ver as tarefas com um risco. Contudo o risco é você fazer apenas as tarefas da lista da vida pessoal e esquecer as relacionadas com o trabalho. Se você, como eu, trabalha em diversos computadores, recomendo os aplicativos na *web*. Eu uso o Google Tasks em que também ficam marcas das atividades já cumpridas, mas sempre surgem outras opções. Para quem (ainda) usa *software off-line*, sempre dá para usar o Outlook ou mesmo o seu processador de texto para manter a lista (usando a formatação de ~~riscado~~).

O espírito da coisa

A produção acadêmica é uma conversa. Conversa no melhor sentido do termo. Alguém diz algo, outro contrapõe, um terceiro desenvolve, o primeiro revê sua posição e assim por diante. Quando o bate-papo funciona, o assunto se desenvolve e está na hora de mais uma rodada.

Escrever uma monografia (ou qualquer outra pesquisa) é entrar no papo científico. Se você entrar bem no papo e disser algo interessante será bem-vindo ao grupo e as suas frases serão usadas pelos demais participantes. Isso é a maior marca do sucesso acadêmico.

Tal como nas conversas, existem regras – algumas arbitrárias, algumas sensatas – no papo científico. O nome disso é metodologia. São as regras para que a conversa corra bem, você consiga saber o que quer dizer, dizer o que deseja e, por fim, seja entendido pelos demais. A metodologia da elaboração de um trabalho científico tem um roteiro, passos que lhe ajudam a pensar sobre o assunto, fazer a pesquisa e a comunicar os resultados.

Florestas amazônicas foram gastas em livros apresentando a metodologia da monografia[22]. Debates infundáveis – alguns deles bem legais – mantêm-se com questões profundas de teoria do conhecimento e epistemologia que acabam contaminando os guias de metodologia de trabalhos de conclusão. Tantos títulos diversos são um sinal de que nenhum livro liquida a questão. Se você está lendo este livro é porque não tem lá muita paciência com essa literatura e quer algo que vá direto ao ponto. Afinal, fazer boa pesquisa já é complicado, então, por que ficar enrolando nisso de metodologia?

Tentarei ser direto na questão da metodologia, mas antes devo fazer uma ressalva. Erros são inevitáveis ao longo do seu trabalho. Caminhos sem saída, tropeços e perdas de rumo, infelizmente, fazem parte do processo. Cada trabalho é único e não dá mesmo para fazer um roteiro preciso. Enfim, eu não posso mostrar o caminho (e eu sei lá qual é?!), mas posso alertar para as armadilhas mais frequentes e graves.

Os livros de metodologia têm toda uma preocupação com a definição de tema, problema e objetivo da pesquisa. Essa preocupação não é infundada. Aprender a diferenciar essas coisas lhe ajuda a melhorar a qualidade da sua pesquisa. O esforço mental de definir o tema, problema e objetivo lhe obriga a pensar sobre a pesquisa. Pronto?

Tema

O tema é o assunto que lhe interessa. É a questão ampla que lhe atrai. Do tipo: "Criminalidade no Brasil", ou "Guimarães Rosa", ou coisa parecida. O seu trabalho estará dentro desse tema, mas não será sobre isso. O tema é o assunto imenso no qual a sua contribuição vai entrar.

Você passará um bom período na companhia do seu tema e, portanto, é bom escolher algo que ache realmente importante. Produzir um trabalho sobre uma coisa chata gasta o mesmo número de horas do que um sobre um tema bacana. Claro que, com o tempo, haverá o desgaste da relação e você chegará ao final do percurso achando o seu tema intragável. Exatamente por essa razão tem de partir de um ponto alto de entusiasmo para ter alguma gasolina no tanque no final do percurso.

A maior parte dos problemas graves de monografias ocorre quando o autor tenta fazer um trabalho que trata do tema. Vai dar galho na certa. O motivo é simples: se você tentar cobrir o tema, o seu trabalho será rasteiro ou incompleto. O sujeito escolhe "A Globalização" ou "Reforma Agrária", passa meses lendo um monte de material, e fica cada vez mais perdido. É impossível abarcar temas tão amplos em uma só encarnação, por isso, o negócio é selecionar o seu problema de pesquisa lá dentro do tema.

Uma vez que você tenha um tema claro é a hora de procurar o professor, seu orientador em potencial, e pedir para conversar sobre o assunto da sua monografia. Venha com aquele papo de que está preocupado com a monografia, pergunte se o tema é interessante e diga que você gostaria de alguma literatura mais específica. Ou então, se você se sente mais independente, comece a ler o material por conta própria.

Todo assunto tem que ver com tudo mais. Todo mundo sabe disso, mas, na hora da monografia, você precisa isolar, arrancar de dentro do tema aquele pedaço sobre o qual vai tratar. Escolher aquilo que você vai tratar significa, obviamente, deixar de fora um monte de coisas importantes.

Fazer o recorte que lhe levará do tema ao objetivo não é mole. E não vai acontecer se você ficar sentado pensando sobre o tema. Só lendo e escrevendo terá noção da dimensão do tema e da necessidade de extrair um objetivo preciso e detalhado.

Problema ou pergunta de pesquisa

Escolher o tema pode ser complicado, mas não é o passo mais complicado. O difícil mesmo é tentar definir a sua pergunta de pesquisa.

O problema é o que a sua pesquisa vai tentar responder. A pergunta necessita de – ao menos a princípio – uma resposta. Mesmo que não seja você, nem o seu trabalho que a fornecerá, deve existir ao menos uma possibilidade razoável de que alguém, no universo, algum dia, encontre uma resposta. Algumas perguntas não cabem. "O que é vida?", "Qual é a origem da riqueza das nações?", "Quais são as consequências da Revolução Francesa?". [23] Ninguém sabe e – provavelmente – ninguém saberá. Fuja dessas perguntas. Não me entenda mal: são grandes perguntas, que rendem papos e livros ótimos. Guarde essas perguntas para quando você se aposentar e tiver toda a reputação, tempo e sabedoria (para descobrir que elas não têm resposta).

A definição do problema não vai cair na sua cabeça, nem na hora do banho. Ela será o resultado do seu esforço inicial de pesquisa. Leia vorazmente sobre o tema. Quando eu falo ler, eu digo buscar os artigos científicos na área ou mesmo os livros-texto mais sofisticados. Não vale ler notícias de jornal ou verbetes da Wikipedia. Eles podem dar uma visão deturpada do que rola na academia sobre o tema. O seu orientador pode ser útil sugerindo os trabalhos mais quentes ou relevantes.

Conforme você ganha intimidade com o tema, perceberá que existem questões em aberto, umas lacunas que não foram exploradas, omissões. Ou seja, existem espaços abertos para que você dê a sua contribuição. Não precisa ser uma grande lacuna. Basta que seja um pequeno espaço. Na verdade, nem precisa ter um espaço livre. É suficiente que seja um lugar no qual você possa mostrar a que veio e colocar lá o seu trabalho.

Às vezes, o objetivo parece modesto demais. Em geral, não é. Tendemos a subestimar o trabalho em alcançá-lo. Só com o aprofundamento na literatura, nos dados e na teoria fica claro o tamanho do desafio. Se, ao longo da pesquisa, você tiver gás para ampliar um pouco o foco, vá adiante! Boa sorte! É melhor essa possibilidade do que ter um objetivo muito ambicioso e, além de perder tempo, ter de justificar para o seu orientador e – pior – para você mesmo o seu fracasso. Um tijolinho benfeito e bem-colocado na construção é melhor do que tentar fazer um castelo sozinho e desistir.

Eu volto à metáfora da produção do conhecimento como uma conversa. Quando você souber em que pé está o papo, fica mais fácil encontrar a deixa para você meter a sua colher. Ao responder ao seu problema de pesquisa, você entrará no papo dizendo uma ou duas coisas interessantes. Exemplo: uma rodinha discute o impacto das redes sociais nas crianças. Um carinha conta que fez uma análise qualitativa da visão das crianças sobre o Facebook, outro conta que fez um estudo para a Suécia mostrando que homens e mulheres usam as redes sociais de forma distinta e assim por diante. Aí você percebe: o papo não levou em conta as questões de gênero entre as crianças.

Você anota essa ideia e vai conversar com o orientador. Ele pode lhe dizer que esse problema é irrelevante, saturado ou até ambos (sim, é possível).

Mais uma vez: sangue, suor e lágrimas investidos em uma boa [revisão de](#)

[literatura](#) fazem você chegar ao seu problema. Às vezes, porém, você pode ter a colaboração do acaso ou da falta de sentido do universo: uma base de dados cai no seu colo, um livro surge do nada, alguém lhe sugere algo, ou – até mesmo – o problema de pesquisa aparece do nada quando você estiver no banho. O problema é que não dá para contar com a sorte.

Objetivo

O objetivo começa com um verbo: "estimar", "avaliar", "identificar", "testar", "construir", coisas do gênero. Ele representa o que você fará para responder ao seu problema de pesquisa. Não são os passos intermediários – estes constarão da Metodologia –, mas o passo final.

Vejamos um texto recente [24]. Os autores definem a pergunta da pesquisa já na primeira frase da Introdução: "Os partidos brasileiros são importantes eleitoralmente?". Essa é a preocupação deles. Agora, como eles vão responder à pergunta? Eles dizem logo adiante, ainda, na mesma Introdução:

"Neste artigo, pretendemos contribuir para esta discussão ao especificar o efeito que a eleição de um prefeito pode ter sobre o desempenho de seu partido, no mesmo município, nas eleições proporcionais estaduais realizadas dois anos depois." (grifo meu).

Ou seja, eles têm uma pergunta já bem focada e para respondê-la têm como objetivo estimar um efeito muito específico. O objetivo não liquida de vez a pergunta – claro – mas dialoga com ela diretamente. Se eles mostrarem que de fato a vitória de um prefeito em um município aumenta a votação nas eleições proporcionais, logo, o argumento "partidos importam" ganha credibilidade. A propósito, é muito boa essa prática de explicitar a pergunta de pesquisa e o objetivo já na Introdução. Repita no seu trabalho e o leitor, feliz, agradecerá.

Cuidado com objetivos que começam com "discutir", "questionar" ou "problematizar" (peço perdão por usar esse palavrão). Você corre o risco de não ter definido direito o problema de pesquisa e que tudo ainda esteja muito vago. Em algumas áreas, como certos ramos da Filosofia, ainda vá lá, mas isso pode indicar que você ainda não foi a fundo no tema e não tem um problema. Outra coisa: evite adjetivos e advérbios. O mundo é feito de substantivos e verbos. O resto é embromação. Relativamente.

Um fantasma também ronda a fase da elaboração do objetivo: é o risco de que alguém tenha visto a mesma oportunidade e a aproveitado antes de você. Quando isso acontece, o sentimento inicial é um misto de inveja e decepção: "Miserável, ele fez exatamente o que eu queria. Não tenho mais problema de pesquisa, tenho de voltar ao início. Eu estava com tudo pronto. Vou morrer. Ai meu deus. Vou matar um. Vai ser hoje. Vou matar dois: o autor e meu orientador". Não entre em pânico. Leia com atenção o trabalho que lhe revoltou. Tem certeza de que ele é tão definitivo assim? Ele realmente responde à pergunta? É bem difícil que o trabalho do outro autor seja idêntico ao que você tinha em mente. Escolhas metodológicas sempre fazem com que o enfoque e resultados sejam díspares, mesmo em trabalhos que compartilham o mesmo objetivo. Duas possibilidades: a) você pode, ao final, ter um resultado oposto ao encontrado no outro trabalho. Bem, tal como nos melhores filmes, ter um antagonista é muito bom. Prende o público e torna o assunto mais atraente. Maravilha se você mostrar que houve falhas no trabalho e que a sua análise é superior!; b) ambos os trabalhos têm resultados semelhantes. Sem conflito, a conversa fica um pouco chata, mas – por outro lado – o seu resultado será mais bem-aceito, pois terá apoio de mais de um pesquisador. Em síntese, de um jeito ou de outro, você se safa dessa.

Hipótese

A hipótese é a resposta esperada à pergunta de pesquisa. Aquilo que você não tem certeza, mas desconfia. Alguns livros de metodologia dizem que você é obrigado a ter uma hipótese. Em alguns campos é assim que funciona. Na Medicina, o negócio é testar um medicamento ou um procedimento para uma doença qualquer. Em certos ramos da Psicologia, também, dá para ter uma hipótese do tipo: "Pessoas se sentem mais tristes nas segundas". Se der para fazer isso, ótimo. Nessas áreas, em geral, mais empíricas, o negócio é ter uma hipótese que pode ao menos a princípio ser mostrada como falsa (veja o verbete [Ciência e Picaretagem](#)).

Em outras áreas, não faz sentido definir uma hipótese. O que seria uma hipótese em um estudo de Filosofia, por exemplo, em que o problema de pesquisa é identificar as contribuições de Nietzsche no pensamento do Silvio Santos, ou algo parecido? Ainda nas humanas, o negócio por vezes é comparar autores, buscar pontos de convergência e divergência. Mesmo em áreas quantitativas, por vezes, deseja-se chegar a um número e não se tem uma hipótese clara a ser debatida. Algo como: "Quais são os custos da corrupção no Brasil", "Qual o papel dos avanços educacionais na queda recente da desigualdade de renda?".

Enfim, pensar em uma hipótese torna o seu desafio mais concreto e claro, mas não fique com complexo de inferioridade se o seu objetivo não o exigir.

Justificativa

Por que é importante responder à sua pergunta de pesquisa? Esse é o conteúdo da "Justificativa". Pessoalmente, eu gostaria de dizer: "Porque eu estou com vontade, ora bolas". Também não dá para responder com: "Para que eu tenha assunto na mesa do bar" ou "Porque meu orientador mandou".

Nas áreas mais aplicadas, com avanços claros, geralmente, não há muito problema em encontrar a justificativa. Basta dizer que você beneficiará diretamente a população, os animais, o meio ambiente, as empresas ou seja lá o que for. Muitas vezes, contudo, a gente emperra na justificativa. Existem duas formas de sair dessa enrascada. A primeira é afirmar que, mesmo indiretamente, a sua pesquisa pode ajudar a outros que – esses sim – terão alguma implicação prática. A outra maneira é mostrar que existe uma lacuna relevante na literatura e que você está proposto a preenchê-la.

No primeiro caso, suponha que a sua pergunta seja algo, como "Se eu fizer uma ressonância magnética em salmão morto vai parecer que ele tem atividade cerebral?". Por incrível que pareça, os caras demonstraram que sim [\[25\]](#). A justificativa é interessantíssima: eles argumentam que os cientistas devem ser mais cautelosos na interpretação da imagem. Mesmo que, em si, o estudo seja irrelevante, ele chamou a atenção para algo até então desconhecido dos demais pesquisadores.

Já quando a justificativa for a lacuna da literatura, será moleza convencer quem é da área. Afinal, eles sabem a importância para o progresso do saber de resolver uma questão sem qualquer aplicação prática. Por sua vez, será difícil justificar isso para o seu tio ou para o garçom do bar. Felizmente, é pouco provável que eles venham a avaliar o seu trabalho.

Outro exemplo de projeto com justificativa complicada. Eu já estudei as alturas dos gaúchos nascidos no começo do século XX. Bizarro, né? Enfim, a estatura de uma geração é um indicador das condições de vida vigentes durante os primeiros anos de vida. Assim, minha justificativa se baseou em dois argumentos: a) entender o que aconteceu lá no passado ajuda a compreender as condições de vida em outras economias que passem por mudanças semelhantes; b) como não existem dados sobre as condições de vida no Rio Grande do Sul, na época, há uma lacuna na literatura. Colou?

QUALIS

Essa é a classificação que a CAPES faz dos periódicos. Em linhas gerais é um indicador da reputação e do impacto dos periódicos na área. Os periódicos classificados nas categorias A1, A2, B (de 1 até 5) e C. Quem classifica os *journals* são membros do comitê de área. Como tal, o [Qualis](#) está sujeito a todo o tipo de esquisitice e particularidade dos membros. Algumas áreas chegam até a colocar os periódicos brazucas como "A1", sendo que a revista só tem artigos em português e não é conhecida fora do Brasil. Mais estranho ainda são os textos para discussão que foram incluídos no sistema. Mas isso é uma distorção e, em linhas gerais, a classificação faz sentido.

Por que os acadêmicos se preocupam com o Qualis? Porque a avaliação dos seus cursos de pós-graduação depende do total de pontos obtido. O Qualis foi criado para classificar os cursos de pós-graduação e não os indivíduos, mas acabou sendo utilizado para tal. Afinal, para contratar alguém para um programa de pós-graduação é bom saber qual é sua contribuição potencial – em termos de pontos por publicação – ao programa. Enfim, de um jeito ou de outro, não adianta brigar e o melhor é aceitá-lo como medida absoluta.

REJEIÇÃO

Seus *papers* serão rejeitados. Se você não colecionar um monte de cartas de rejeição é porque você está mirando em alvos fáceis demais e poderia ter publicado em um *journal* com melhor reputação. Tomar uns foras faz parte da vida

Ser rejeitado dá raiva mesmo. A sua primeira rejeição será, provavelmente, algo tirado da sua dissertação ou da monografia. Pô, você ralou um monte, ouviu as recomendações da banca, preparou o artigo para submissão com o maior esmero e recebe uma carta de rejeição. Esfrie a cabeça por um tempo e não desista.

Ser rejeitado não significa que o seu artigo é ruim. Os Beatles, todos sabem, foram rejeitados um monte de vezes antes de conseguirem o contrato. Existem artigos rejeitados que, décadas depois, renderam o Nobel para os autores. Claro que não se deve cair no erro oposto, o da arrogância, e pensar que, porque o seu texto foi rejeitado, ele é bom. A maior parte das bandas de *rock* é rejeitada com razão (e como o mundo seria melhor se as gravadoras recusassem mais ainda!), e a maioria dos artigos são mesmo ruins.

Ser aceito não significa que o seu artigo é bom. Quando chegar o *e-mail* de aceitação, festeje, atualize o seu [Lattes](#) e conte para os amigos. Mas aí vai mais um segredo: aceitar dá menos trabalho para o parecerista do que rejeitar. Rejeitar implica em apontar os erros com cuidado, argumentar, esclarecer. Já aceitar, envolve apenas usar uma meia dúzia de frases feitas e pronto. Logo, alguns textos são aprovados quando deveriam estar na oficina, sofrendo uma retificação geral. Então, nada de ficar arrogante porque conseguiu publicar na revista X, beleza? Muita porcaria já saiu lá e os pesquisadores experientes sabem disso.

O que você não deve fazer ao receber a rejeição é escrever para o editor reclamando do resultado. Acredite se quiser, ele não tem nada contra o seu artigo. (mesmo que ele tenha, nada pode ser feito). Ele tem umas dezenas de artigos em processo de avaliação, está assoberbado de trabalho e não vai gostar nem um pouco de receber uma carta sua. Se, passadas umas duas semanas da rejeição, de cabeça fria, você ainda acha que um dos pareceristas fez um erro muito estranho mesmo, algo completamente bola fora, sobre uma crítica central para a rejeição, então, ainda há algum sentido em escrever. Mesmo assim, eu sugiro que você mostre o seu *e-mail* de reclamação para alguém mais experiente antes de apertar o botão Enviar.

Como você sabe, a avaliação deveria de ser "duplo-cega". Ou seja, os pareceristas não sabem que você é o autor, e você não sabe quem eles são. Na prática, isso não acontece. O meio acadêmico no Brasil é tão pequeno que geralmente um parecerista bem-informado já sabe, ao menos, qual é o grupo que fez o *paper*. Isso não é, em si mesmo, um problema. Só é problema se o parecerista usar isso contra ou mesmo a favor de você. Seja como for, isso não deve influenciar na sua reação à rejeição.

REUNIÕES

Seja pontual nas reuniões. No mundo desenvolvido, as pessoas são pontuais. Seja especialmente pontual com professores que tiveram experiência internacional. Esses estão bem-acostumados com a pontualidade dos países desenvolvidos e não vão tolerar os seus atrasos. Ou melhor, seja pontual com todo mundo. É gentil.

As reuniões são a principal forma de perder tempo em todas as organizações. Mas tenho certeza que na universidade é pior. Os professores estão acostumados a falar e falar. E não param de fazer isso, mesmo quando a plateia é feita de professores. Além disso, gostam mais da saliva do que da ação. Ainda mais se houver alunos, aí então os populistas não vão parar de jogar para a plateia.

A maior parte das reuniões não serve para nada. Estou mentindo. Elas servem não aos objetivos que estão listados na pauta, mas a questões antropológicas. Na reunião, os vínculos pessoais dos grupos e dos subgrupos se fortalecem e as hierarquias são evidenciadas. É só um ritual.

Certas reuniões são tão interessantes quanto a transmissão de uma partida de xadrez no rádio. Como sobreviver? Um dos jeitos é fantasiar que você é um antropólogo tentando entender os estranhos hábitos daquela tribo. Outra possibilidade é pensar em outros assuntos, como, por exemplo, nos verbetes de um livro sobre a vida acadêmica que você escreve há anos.

Eu volto à metáfora da produção acadêmica como uma conversa (veja o verbete [Projeto](#)). Nada pior do quando você está em um papo e alguém chega do nada dizendo algo muito sem noção, superficial, ou que já foi discutido[26]. O resultado é o silêncio e a anotação mental: "Não convidar esse mala para nada". A mesma coisa funciona na academia. Neste instante, existem milhões de papos rolando e seu objetivo – repito – é entrar na conversa. Para isso, você tem de 1) estar por dentro da conversa; 2) *mostrar* que está por dentro da conversa. Ou seja, antes que você entre de fato, é preciso ouvir o que os outros estão dizendo, qual o rumo da conversa, para que, quando você abrir a boca, a conversa ande – um pouquinho que seja – para frente. Esse é o papel da revisão de literatura sobre o tema.

Rapidamente, você perceberá que o problema hoje é o excesso – e não a falta – de referências. [Google Acadêmico](#) junto com [Periódicos Capes](#) fazem com que muito facilmente você fique cercado de livros e artigos não lidos. O importante é ter um roteiro mínimo para não ficar perdido na selva. Alguns princípios:

- Você não precisa ler tudo. Você não precisa ler tudo sobre o seu tema. Você não precisa ler tudo de bom. Você precisa ler tudo de bom relacionado com o seu tema.
- Você não precisa entender tudo na primeira leitura. Se o texto parecer grego para você, não se desespere. Com o tempo, as peças vão entrar no lugar e você entenderá porque alguns textos são mais importantes na literatura sobre o tema do que outros. Claro que, se houver algum texto com o qual você dialogue diretamente, então, este necessita ser totalmente entendido.
- Você não deve reconstruir a história do campo. Algumas áreas das ciências humanas tendem a voltar sempre aos mesmos autores, mas, normalmente, o negócio é se apegar aos autores mais recentes.

Aprenda a ler

A vida é curta, o seu prazo mais ainda, então, já chegou a hora de aprender a ler para fazer a revisão. Existem, no barato, umas três formas de leitura de um texto científico:

- "Veloze e Furiosos": esse é o primeiro contato com o texto. Leia na ordem: o título, a primeira e a última frase do Resumo, o restante do Resumo e passe os olhos na Conclusão, na Introdução e nas Referências. Pare de ler e descarte sem pena o artigo se ele parecer inútil.
- "X-files: a verdade está lá fora": Leia a Introdução e a Conclusão. No corpo do texto, analise as tabelas, figuras das seções mais próximas do fim do artigo e leia também o texto que as cerca. Os argumentos e resultados principais do texto devem estar por ali. Esse é o tipo de texto que – no máximo – será útil para o trabalho, em uma questão pontual ou para dar uma geral na área. Tal como Mulder e Scully, você entenderá uma parte da conspiração a cada episódio se concentrando nas partes fundamentais.
- "Silêncio dos Inocentes": Tenha a frieza, inteligência e a crueldade de assassino serial para dissecar o texto. Analise sua vítima com cuidado do Hannibal, o canibal. Não a subestime, entenda a sua estrutura, respeite seus pontos fortes e tente entendê-la. Quando você já a tiver conquistado, busque as suas fragilidades, critique-a, domine-a.

Revisão de literatura para quem está por fora do assunto

Supondo que você não conhece o tema, e a pesquisa caiu na sua cabeça, o desafio é buscar o fio da meada. No mundo perfeito, quem deveria lhe dar as principais referências bibliográficas seria o seu orientador. Uma lista enxuta é o mapa ideal para os primeiros passos, mas se ele lhe passar uma lista muito longa de leitura, peça para ele ao menos indicar quais são os prioridades. Se ele fizer isso, pule para o ponto 4:

- 1) Busque em um ou dois livros textos atualizados sobre a disciplina a seção sobre o seu tema e veja se você está por dentro do assunto.
- 2) Veja quem o livro texto cita. Apesar de em geral haver uma defasagem, esses textos costumam citar os textos mais importantes.
- 3) Coloque o Google Acadêmico para trabalhar. Minha estratégia predileta é a seguinte:
 1. Buscar as palavras-chave do tema.
 2. Ele apresenta o texto sobre o tema com mais citações.
 3. Se o texto não for recente, limite a data de publicação aos últimos cinco anos. Deve sair algo interessante.
 4. Volte ao passo a, mas agora não clique no primeiro texto e sim no link "citado por...", logo na última linha da referência. Você vai ver quem também citou esse texto. Limite a busca, na barra da esquerda, aos textos dos últimos 4 ou 5 anos. É bem provável que você chegue em algum texto que contenha o estado atual da discussão sobre o assunto.
- 4) Dos textos selecionados, imprima uns 10 artigos. É importante mesmo imprimir. Dê uma primeira lida. Se você fez tudo direito, na melhor das hipóteses, apenas, uns cinco artigos vão ser realmente importantes. São esses que você vai ler, anotar, entender e resumir.
- 5) Volte ao passo 1 se você ainda não está seguro do seu lugar na conversa acadêmica ou se o seu orientador reclamou da revisão.

A escrita da Revisão de Literatura

Mais uma vez, prometo que é a última, volto à imagem da conversa. Agora, já sabendo o que é importante, você precisa mostrar ao leitor que sabe seu lugar na conversa. É como se você estivesse relatando para alguém, que estava fora da rodinha, qual era o papo. Algo como: Huguinho levantou a questão, Zezinho respondeu de tal forma, Luisinho discordou e Donald tentou uma síntese.

Você não vai refazer a história do seu campo, nem sintetizar tudo que leu. O que exatamente você incluirá da literatura depende de quem é o leitor imputado. Isto é, para quem você está escrevendo. A linha geral é escrever para alguém que já tem o título que você almeja, mas não conhece o problema específico. Se é uma monografia de graduação, o leitor imputado é um colega recém-formado que conhece algo do tema. No outro extremo, na tese de doutorado, o leitor trata-se de um doutor que já tem um conhecimento bem mais aprofundado das coisas e quer saber se você entendeu direito a produção recente.

Para escrever sobre uma questão de biologia evolutiva, você não precisa citar Darwin; para falar de Economia, não precisa voltar para Adam Smith. É importante voltar apenas até o ponto necessário para contar a história e não mais que isso. Se você exagerar, parecerá que subestima o leitor. Não coloque na revisão textos muito básicos que apresentam conceitos que já fazem parte do jargão da área.

O melhor jeito de estruturar a revisão é como se fosse uma historinha, qualquer que seja o título acadêmico que você busca. Você estrutura o texto como se fosse uma sequência, em ordem cronológica, das contribuições que lhe levaram até o estado atual do problema de pesquisa e, portanto, até o ponto em que você vai contribuir.

Às vezes, não dá para estruturar a revisão como uma linha ferroviária simples, porque existem linhas de pesquisa que bifurcam, cruzam-se, polêmicas e até contribuições de outras áreas. Nesse caso, você deve ser explícito para não deixar o leitor perdido. Avise a ele de cada uma dessas curvas, freadas e retornos. Você próprio precisa passar o fio condutor que conecta as referências para o leitor. Não espere que ele faça isso em sua própria cabeça.

REVISÃO DE TEXTO

Em um bar, você conhece o que parece ser a sua alma gêmea, mas – de repente – você percebe que essa pessoa fala "pobrema". A pessoa poderá se recuperar no decorrer da conversa, explicando que foi criada por chimpanzés até os 13 anos, tendo sido resgatada pelo Mick Jagger, que acabou doando-a para uma mulher bem caridosa, Luciana Gimenez, que lhe ensinou tudo sobre a língua portuguesa. Como essa história é improvável, pode ser que a pessoa tenha outros "pobremas" os quais, com o tempo, vão lhe encher e lhe envergonhar. É assim que um parecerista ou a banca se sentem quando esbarram em um texto mal-escrito. O tema pode ser bastante interessante, os dados bons, o método bem-aplicado, os resultados revolucionários. Porém, se tiver escrito "excessão", ele ficará louco por rejeitar e já desconfiará que, se o texto tem esse tipo de erro, outros mais graves passaram batidos.

Um dos problemas da revisão é que você não vê mais os seus erros. Íntimo do texto, o cérebro fica incapaz de ver os erros. Um dos truques é esperar uns dois dias antes de reler o texto. Outra dica é trocar temporariamente o tipo de fonte e tamanho do seu artigo e imprimir o artigo. Os erros que eram invisíveis em Times New Roman ficam gritantes em Arial. Peço perdão aos amigos ecologistas, mas imprimir é essencial. É muito estranho, mas novos erros surgirão no papel.

Você cometerá erros ortogramaticais. Uma pessoa levemente disléxica, moderadamente analfabeta, vai tropeçar. A solução: arrume um(a) namorado(a) chato(a) que goste de ler e achar os seus erros, ou pague alguém. Eu prefiro a segunda opção. Pergunte para o pessoal mais experiente; você vai se surpreender vendo que cada um tem o seu revisor favorito. Se você lesse os textos não revisados dos autores mais reconhecidos da sua área, você veria que estão recheados de erros. Cuidado com os estudantes de graduação, metidos a escritores, sem qualquer referência, que se dispõem a fazer a revisão. Pouca leitura e consumo de *cannabis* não colaboram muito para um bom trabalho de revisão. Existem também serviços *on-line* que podem ser úteis.^[27]

Antes de enviar o texto final, aí vai um *check-list* da revisão:

- A numeração das tabelas, gráficos, figuras e equações está certa (a propósito, esses elementos foram chamados no texto)?
- As fontes das tabelas, gráficos e figuras estão corretas?
- Os números de seção estão corretos?
- Procure por "mente". É necessário mesmo usar esses advérbios?
- Substitua dois espaços em branco por apenas um.
- As citações estão no formato apropriado?
- A bibliografia está completa?

SEXO

Esse alerta vai só para o corpo docente. Existe uma boa chance de você ser meio *nerd* e ter sido infeliz na adolescência. Ai você está fazendo o seu estágio docência, ou foi recém-contratado e é colocado na frente de uma sala de aula diante de umas 50 pessoas com os hormônios a mil. As chances de ter alguém querendo transar com você, justo com você, são bem consideráveis.

Ser mestre parece ser a chance de por a sua vida sexual em dia. Se você é um professor razoavelmente bom, você vai ter alunas e alunos interessados. É uma daquelas relações de poder e é muito fácil usar os seus poderes para o mal. Vai por mim. Não transe com ninguém. Mesmo que o seu departamento não veja problema nisso, isso só gera confusão (ou, pior ainda, casamento).

Estudantes de outro curso são uma questão mais polêmica. Um bom truque é imaginar cada tipo de situação como se fosse portadora de uma doença diferente. A tabela de conversão é a seguinte:

- Estudante da sua disciplina= Ebola;
- Ex-estudante da sua disciplina= Hepatite C;
- Estudante de outro curso= Gripe das brabas.

Em 1996, o físico Alan Sokal pregou uma peça nos editores de uma revista pós-moderna de alta reputação. Ele escreveu um texto com termos rebuscados e recheado de frases de efeito, mas vazias de sentido. É uma mistura de citações de autores renomados em certos círculos (o brasileiro Paulo Freire está entre eles) e termos pseudocientíficos concatenados de forma canhestra. Eu prefiro passar por uma cirurgia de catarata sem anestesia a ler o texto-paródia novamente. Mesmo assim, o trabalho foi aceito. Sokal, na sequência, revelou a pegadinha. A indignação foi geral e, por incrível que pareça, os editores, ao invés de pararem para repensar seus critérios de aceitação de artigos, acabaram atacando o próprio Sokal. Uma vergonha. O Sokal, depois, publicou um ótimo livro sobre o assunto.[\[28\]](#)

A partir disso, a moda pegou e a pegadinha já foi feita em diversas áreas, incluindo a Física e a Matemática.[\[29\]](#) O que foi que esses casos mostraram? Deixaram claro que a academia não é perfeita e existem buracos no casco que a protege. Com habilidade, os mecanismos de proteção podem ser contornados por alguém mal-intencionado.

Se essas pegadinhas deram certo, o que se dirá de mutretas mais sutis como falsificação de dados ou [plágio](#)? Conforme cresce o número de publicações e a competição entre os pesquisadores, é esperado que o número absoluto de problemas cresça. Todos querem ficar à frente, porém, como nem todos são tão éticos assim, uns acabam tomando atalhos inapropriados.

Apesar desses fracassos e distorções, o próprio fato desses fatos serem notícia já é sinal de que nem tudo está perdido. Afinal, só é notícia porque são fatos raros. Eu não sei se os cientistas são mais ou menos éticos do que o restante da sociedade, mas os mecanismos de proteção da academia fazem que o resultado seja, como um todo, aceitável.

Se a ciência fosse uma briga, os periódicos científicos seriam o tatame. Livros são importantes, e as mães acham bonito. Porém é relativamente fácil ter um livro publicado por uma editora universitária ou mesmo pagar uma edição do próprio bolso. Para falar a verdade, no Brasil, até mesmo as editoras comerciais não têm lá muita noção e publicam livros acadêmicos muito ruins. Por essas razões, o pesquisador é avaliado por quantos e em quais *journals* publicou seus artigos. Ou seja, quantas brigas lutou e contra quem. [30]

Quando você decide preparar um artigo para submissão, a primeira etapa é a escolha do periódico. Ou seja, quando você for: a) começar o artigo do nada; ou b) extrair o artigo de seu trabalho maior (monografia, dissertação ou tese) já tenha algum periódico em mente. Para a escolha, vá para o [Qualis](#) e procure a classificação da sua área. Para uma primeira submissão, escolha um periódico até mesmo um pouco melhor do que a sua própria opinião sobre o artigo. É melhor você ficar triste com uma carta de rejeição, do que queimar um artigo bom em periódico ruim.

Faça uma lista restrita – uns dois ou três – de *journals* prováveis e dedique uma atenção maior. Examine os números anteriores para ver se eles publicaram algo parecido. Se tiver artigos sobre o mesmo assunto no *journal* isso sugere: 1) o editor adorar ver que você citou o texto; 2) você não fez o dever de casa e não leu a literatura relevante sobre o tema. De qualquer forma, seria uma grosseria imensa você não citar o artigo publicado no periódico.

Verifique quem é o editor do periódico. Ele não é o parecerista, mas tem certo poder no destino final do texto. Vários periódicos têm a possibilidade de rejeição pelo próprio editor. Se ele acha que o texto é ruim ou fora do escopo da revista, ele devolve para o autor sem encaminhar para os pareceristas. [31] Além disso, no limite, se o editor não gostar do texto, pode mandar para aquele parecerista que não deixa passar nada. Caso contrário, ele manda para um parecerista mais simpático ao tema. Nas revistas sérias, contudo, o processo é mais equilibrado e se tenta ter pareceristas sem conexão prévia com o autor e com visão criteriosa.

Antes de enviar o artigo para o *site* da revista, faça o óbvio: leia as instruções de submissão e as siga. Se você tiver feito um documento com os estilos do Word ou em [LaTeX](#) e com a bibliografia no [Zotero](#), isso será bem fácil. Quando você submeter o artigo, ele deve estar com o jeitão de um artigo já publicado na revista. Quando eu digo o jeitão, é tudo mesmo, não só as regras formais de submissão de artigos. Não se acanhe de mexer no texto apenas para cumprir essa etapa. Itens para serem verificados nos artigos semelhantes:

- Os artigos costumam ter figuras? Gráficos? Equações?
- Qual é o tom dos artigos? Polêmicos ou neutros?
- Uma vez tendo feito esses passos, veja o check-list lá no verbete [Revisão](#) e certifique-se de que cumpriu tudo.

Enviou o artigo? Ótimo. Então, sugiro que você crie um arquivo de controle

com o nome do artigo e a data de envio para o *journal*. Com o tempo, conforme você for acumulando submissões, pode ser difícil lembrar exatamente quando você fez cada submissão. A cada submissão, envio de correção e aceite, anote lá a data e os comentários necessários para cada artigo.

Uma nota: é muito, mas muito feio mesmo mandar o mesmo texto para vários periódicos ao mesmo tempo. Nem mandar em inglês para um e português para outro. Mande para um *journal* específico, espere as porras e então decida o que fazer. Seria tentador mandar para vários ao mesmo tempo para – malandramente – ver no que dá. Contudo, isso é muita queimação do seu filme. Já aconteceu de um artigo ter sido enviado duas vezes para a mesma parecerista que correu para alertar os editores. Mais uma reputação demolida.

O tempo de espera varia muito de acordo com cada periódico. Como regra geral, eu diria que, se em uns seis ou oito meses você não tiver qualquer resposta do editor, é uma boa mandar um *e-mail* supereducado para o editor perguntando sobre o destino do artigo.

Próximo verbete sugerido: [Rejeição](#).

TABELAS

Você já pensou se não dá para transformar a tabela em [gráfico](#)? Bons gráficos transmitem a informação relevante imediatamente. Não tem jeito de ficar legal? Então, continue lendo.

Algumas dicas:

- Não encha a sua tabela com números cheios de casas decimais. Dizer que você teve uma taxa de resposta de um questionário de 23,94238% não diz nada. Diga que você recebeu 24% ou 23,9% de retorno. Os outros dígitos são irrelevantes para o seu caso. A mesma coisa para valores ou números grandes. Mude a unidade para milhares ou milhões para que os números fiquem legíveis. Para mudar a unidade rapidamente, copie/cole a tabela para o Excel, faça a modificação por lá e volte para o Word.
- Todas as tabelas ou gráficos no texto devem ser comentados. Ou seja, não basta colocar a tabela para encher papel; você precisa destacar a informação fundamental que ele fornece. Jogar tabelas sem qualquer comentário só prova que você quer encher linguiça. Se você enfrenta dificuldade em comentar a tabela sem ser repetitivo, pense seriamente na possibilidade de retirá-la.
- A fonte da tabela deve ser detalhada e permitir a um leitor refazê-la. Se o detalhamento da fonte ficar muito longo, crie um apêndice de dados.

TESE- DEZ MITOS

1. "Tenho de ser inteligente para terminar a tese". Mentira. Você tem de ser burro. Burro na persistência e no foco, quero dizer. A maior parte dos que eu vi desistir de tese era muito inteligente. O problema é que eles: a) queriam fazer um trabalho que usaria todas as suas capacidades, ou seja, seria capaz de mudar o mundo; b) porque são muito inteligentes, acabam se enfadando do tema e mudando assunto, o que os leva a estourar todos os prazos. O burro, por sua vez, só tem certezas. Ele sabe o que quer, cumpre o cronograma do projeto e cumpre o prometido. Estatisticamente, você estará no meio do caminho: nem tão inteligente a ponto de se perder; nem tão burro a ponto de só olhar em frente. É bom ficar atento às ameaças que a inteligência excessiva gera.
2. "Minha tese será revolucionária". Besteira. Mesmo os grandes caras raramente tiveram teses marcantes. Se você fizer uma pequena contribuição em um campo bem limitado, já está ótimo. Veja [aqui](#) uma apresentação que representa isso muito bem. Acabou o tempo em que o sujeito gastava uma década escrevendo a tese, publicava-a como o livro quando já tinha filhos grandes e seria lembrado por isso até o fim dos dias. Agora, a tese lhe dá apenas a licença para matar. Você terá o título e poderá se candidatar a outras bolsas, outras vagas, outras oportunidades. Mas a sua reputação mesmo será feita a partir das publicações que você conseguir a partir daí.
3. "Eu nunca serei tão bom como o meu orientador". Vá até a biblioteca e leia a tese dele para você descobrir a verdade. Ele só é mais velho do que você, já aprendeu o caminho das pedras e sabe como evitar os tropeços mais comuns (agora se você não admira as qualidades de pesquisador do seu orientador, então, tem algo errado. Você escolheu mal o orientador ou tem delírios de grandeza, narcisismo ou outros distúrbios de personalidade que eu não sei definir direito).
4. "Todos lerão a sua tese". O número de leitores da sua tese completa é menor do que a soma de B + O + R + V. Onde B = número de integrantes da banca; O = Orientador; R = Revisora e V é você. Ninguém mais vai lê-la toda. O resto da humanidade lê apenas os agradecimentos, especialmente para ver se seus nomes estão incluídos. Os interessados na área lerão a Introdução e a Conclusão também.
5. "Eu tenho de ler tudo sobre o assunto". É impossível ler tudo. O melhor é ler com cuidado e se esforçar em entender aquelas uma dúzia de trabalhos essenciais. A maior parte dos trabalhos não é relevante. O negócio é entender qual é a discussão científica que você está se envolvendo. Ver [Revisão da Literatura](#).
6. "Meu português é ótimo e não preciso de revisão ortogramatical". Ver verbete [Revisão](#).

7. "Estou empacado na tese porque escolhi o tema errado". Todo o tema é atraente à distância. Conforme você se envolve na pesquisa, os problemas aparecem e – ao mesmo tempo – o seu arrependimento de ter escolhido cresce. É natural que você considere o seu tema o mais problemático e os de seus outros colegas contemporâneos bem melhores. Quanto mais no clima da tese, mais saturado dela você estará.
Não mude de tema. O risco maior é que você refaça o ciclo encantamento-saturação e – um ano depois – queira mudar de tema novamente. Apenas se você tiver um motivo concreto, imenso, colossal, e o seu orientador aceitar de primeira as suas razões você deve trocar de tema.
8. "Meu trabalho está cheio de erros, o tema é ridículo e eu vou ser destruído na defesa". Você é quem conhece melhor a gravidade dos seus erros e omissões. É como vender um carro velho. Você o conhece cada barulhinho, cada peça solta ou problema. Os compradores, isto é, a banca, têm treinamento e experiência para identificar os problemas, mas estão entrando em contato com a sua mercadoria pela primeira vez. Eles vão apontar alguns problemas que a você escaparam ou que você não escondeu, mas você seria capaz de destruir o seu trabalho fazendo uma crítica mais profunda do que toda a banca.
9. "A tese não avançou porque não tive tempo". Na imensa maioria dos casos, trata-se apenas de um autoengano. Um professor meu dizia que "tempo se cria". Mesmo que você seja bem atarefado, use os pequenos intervalos disponíveis para trabalhar na tese. Trabalhar mesmo. Leia um *paper* no banheiro, revise o que você escreveu no ônibus e analise os resultados na hora do almoço.
10. "Tese boa é tese pronta". Não é verdade. A frase virou bordão nos tempos em que se passava da fase das teses longuíssimas que salvariam o mundo para os dias de hoje. O problema da frase é que ela pode ser entendida como "qualquer coisa entregue a tempo presta". Um trabalho ruim entregue a tempo continua sendo um trabalho ruim. Porém de nada adianta uma tese ótima, quase completa, que não é defendida ou estoura os prazos. O correto é "tese boa é tese boa pronta".

Título

A última coisa a fazer em um trabalho científico é escolher um título. Um título provisório ajuda a focar a sua mente no trabalho, mas não deve ser algo que tire o seu sono. Afinal, ao longo do trabalho, dependendo até mesmo dos seus resultados, você pode mudar o título sem problemas.

O título deve comunicar ao leitor o que esperar quando ele abrir o trabalho. Alguns gostam de usar algo próximo do tema no título, com um detalhamento no subtítulo. Eu sou a favor de um que esteja mais próximo do objetivo do trabalho; esse, afinal, é o mais honesto com o leitor.

Na questão do título, a cultura de cada área varia bastante. Nas Exatas ou na Saúde, os títulos costumam ser muito certinhos, bem descritivos e sem mistério. Quanto mais *soft* a área, maiores as possibilidades de um título engraçadinho.

Em geral, eu sou contra títulos engraçadinhos nas monografias. Se você não resiste, ao menos, coloque um subtítulo mais certinho. Na submissão de artigos para publicação, você pode ser mais arrojado e buscar um título mais divertido.

UNIVERSIDADE (ESCOLHA DA)

"Qualidade" significa obter aquilo que o consumidor deseja. Então, para encontrar uma universidade "boa", precisa saber antes o que deseja. Se você já é herdeiro e só quer enrolar os seus pais mais um tempo, nesse caso, o melhor mesmo é ir para o curso mais mole que conseguir (pare de ler este livro e vá curtir a vida, Thor!).

Agora, se você não nasceu com o futuro ganho, então, o negócio é buscar a universidade mais exigente possível. Existem três motivos legítimos para fazer um curso de graduação:

- O conhecimento pelo conhecimento. Você quer aprender porque quer e pronto. Nada de errado com isso.
- Aprender habilidades que serão úteis no mercado de trabalho. Essa é a justificativa usual. Quanto mais produtivo, maior será o seu salário.
- Mostrar para o seu potencial empregador que você é um sujeito dedicado, capaz de ralar por anos para obter um título. Nesse caso, não interessa o que você aprendeu, e sim o que você sinaliza. Um cara que fez um curso sério mostra que tem características de personalidade úteis para o emprego.

Por isso, eu recomendo que você faça um curso sério. Um curso sério, na pior das hipóteses, cumprirá a função número 3: o seu currículo indicará que você é um sujeito com o qual se pode contar. Mesmo que não seja aceito na primeira tentativa em um curso sério, não vale a pena perder tempo em um picareta.

Caso a tentação de participar de uma picaretagem continue, eu tenho uma sugestão: saque o dinheiro que você iria gastar, ponha o dinheiro em um balde, sente na sala de sua casa, chame a família e ponha fogo na grana. É estúpido, mas é menos estúpido do que pagar e frequentar o curso. Você apenas perderá tempo, pois o curso não se enquadra em nenhuma das funções que citei.

Na graduação, não tem muito mistério. O negócio é ir no *site* do INEP e buscar as avaliações do ENADE ou conversar com os profissionais atualizados do ramo.

Na pós-graduação, fica bem mais complicado escolher o curso. O principal motivo é que, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais, há grandes diferenças de linhas entre os cursos. Alguns enfatizam certas abordagens que outros ignoram completamente. Mesmo assim, o ponto de partida para a escolha é a avaliação da [CAPES](#). A cada três anos, os cursos de mestrado e doutorado são avaliados com base na produção acadêmica e em mais uma porção de critérios. Entre cursos com a mesma nota, contudo, existem diferenças gritantes. Converse com o orientador e com outros pesquisadores os quais você admira.

Eu recomendo que, tendo a oportunidade, faça o curso de pós-graduação em lugar diferente da graduação. Ao mudar de universidade, você terá uma outra rede de relacionamentos que será útil no futuro. Ademais, é muito provável que as lacunas que você teve em um curso sejam sanadas pelo outro curso. Caso você fique na mesma universidade, a tendência é que suas lacunas de formação aprofundem-se. No limite, eu diria até que o melhor é mudar de estado ou de

país, apenas para respirar outros ares e ter uma experiência mais ampla (ei, mas não use esse argumento para ir estudar em faculdade particular boliviana, valeu?).

XEROX, PDF E LIVROS

Ande ao redor de qualquer universidade grande. Você encontrará dois tipos de serviços: cerveja e xerox. Isso, óbvio, tem um motivo. É lá que os alunos gastam a maior parte do seu dinheiro.

Como você sabe, é ilegal xerocar livros. Se você é professor, eu não recomendo deixar uma pasta com os seus textos. Isso pode dar rolo legal para você se for comprovado que você é que os colocou à disposição. Eu só soube de um caso, mas assusta. Se quer mesmo xerocar, a principal recomendação é anotar em um espaço livre a referência completa. A razão é que se você fizer qualquer trabalho, monografia, dissertação ou tese e usar o texto terá de citá-lo na bibliografia. Não pense que, depois, um mês ou um ano, você se lembrará da referência. Um texto sem referência é totalmente inútil porque você não pode citá-lo.

O que xerocar? Muitos professores inflam a bibliografia de seus cursos para impressionar os alunos e os colegas (especialmente, agora, que os programas são postados na internet). Portanto, é melhor começar com os textos básicos e só ir fotocopiando os outros, conforme vão sendo requeridos.

Eu recomendo a compra dos livros básicos e os clássicos das disciplinas. Os livros textos estão cada vez melhores e ter o exemplar não deixa de ser um estímulo ao estudo. Eu sei que são caros, mas existem formas mais acessíveis de comprá-los:

- O site [Estante Virtual](#) reúne o catálogo de dezenas de sebos Brasil afora. Na maior parte das lojas, você nem precisa ter cartão de crédito. Fique atento apenas para comprar a edição mais recente do livro texto.
- Junte mais uns oito alunos e acerte um desconto na livraria. Vocês podem conseguir até uns 20% de desconto do preço cheio.
- Fale com os alunos dos outros semestres. Eles podem lhe ceder ou vender os seus próprios livros.
- A internet oferece cópias piratas dos livros. Você sabe onde encontrá-los, não? Contudo isso é ilegal, feio e bobo.

WEBPAGE PESSOAL

Se você quer seguir uma carreira acadêmica, a sua *webpage* deve ser tão mais séria quanto menor for a sua reputação. Ganhadores do Nobel têm a moral de serem engraçadinhos e ninguém vai criticá-los. Já se você for um iniciante, ficará apenas com fama de bobão.

Siga os mesmos princípios que falei sobre o [PowerPoint](#): escolha um visual simples. Nada de som ou animações em Flash. Encare a sua página como seu cartão de visitas, e não como seu *playground*. Coloque os seus artigos, os *links* para os *sites* acadêmicos que gosta, as suas informações básicas e só. A propósito, evite informações pessoais como a sua data e local de nascimento e nome dos seus pais. Essas informações são úteis para *cybers* criminosos que queiram entrar na sua conta. Outro cuidado é não colocar seu *e-mail* como *link* ou texto porque seu endereço será capturado pelos *spammers*, e você começará a receber uma avalanche de mensagens com propostas de alongar certas partes íntimas do seu corpo.

WIKIPEDIA

Use com muita parcimônia. Ela é muito boa nas áreas tecnológicas, mas, nas Ciências Humanas e Sociais, os verbetes tendem a ser muito fracos e desatualizados. Nos assuntos polêmicos, existe o risco de que os artigos sejam tendenciosos. Como qualquer um pode alterar o conteúdo, os verbetes estão sujeitos a todo o tipo de vandalismo. Eu sei que ela já se mostrou superior à Enciclopédia Britânica (no Brasil, era chamada de Barsa) em testes conduzidos por especialistas. Tal como a Britânica, em seu tempo, a Wikipedia está entre as melhores coisas que a humanidade criou. Mesmo assim, tente usá-la com muito cuidado, como um ponto inicial de suas pesquisas ou para questões pessoais.

Por todos esses problemas, evite citá-la nos seus trabalhos científicos. Pega mal e sinaliza, para o leitor, que você não quis investir tanto tempo na pesquisa quanto deveria. Talvez, com o tempo, isso mude, mas hoje é o que vale.

WORKING PAPERS

Boa solução para encontrar artigos que estão em periódicos aos quais você não tem acesso. Antes dos artigos serem publicados nos *journals*, eles circulam como versões preliminares e estão em algum lugar da *web*. Busque no Google o título do artigo entre aspas ou visite a página do pesquisador; geralmente, você encontrará uma versão para *download* livre por lá. A única restrição é que eles não sofreram o processo de revisão pré-publicação. Essas revisões podem ser bastante amplas ou pontuais. Por via das dúvidas, se o artigo for interessante e você tiver planos de citá-lo, busque a versão final publicada. Da mesma forma, para teses, também é mais seguro que você use a versão publicada em forma de livro. Contudo, se o livro é muito importante mesmo e se a tese for acessível, vale a pena olhar também a versão não publicada. Por motivos editoriais, às vezes, anexos importantes ou capítulos metodológicos são excluídos dos livros.

YAHOO

Nunca use. O *e-mail* é um lixo e também o mecanismo de busca. Pega mal ter uma conta Yahoo ou Hotmail. Vá para o Gmail (ufa, suei para encontrar algo com y).

ZOTERO E AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antes de entrar no Zotero, vamos a algumas regras sobre a bibliografia:

- Não cite artigo de congresso se você tem acesso ao artigo publicado.
- Não cite artigos que você não leu (ou ao menos não passou os olhos).
- Todas as citações do texto devem estar listadas na bibliografia.
- Todas as citações da bibliografia devem estar no texto.

Para administrar as suas citações, existem *softwares* para organizar as suas Referências Bibliográficas. Eu recomendo mesmo o [Zotero](#), mas existem outras possibilidades.

O Zotero é, de longe, o melhor *software* gratuito para o gerenciamento de bibliografias. Começou como um *plug-in* do Firefox, porém, agora, está disponível em todas as formas e plataformas, inclusive como um *software* separado.

Por que usar um gerenciador de bibliografia? Ao longo dos seus trabalhos científicos, você repetirá um grande número de referências. Ah, você me dirá: "basta copiar e colar a parte da bibliografia e ir apagando o que não usei". Infelizmente, as revistas exigem formatos distintos. No Brasil, a maior parte usa [ABNT](#) (com suas idiossincrasias), mas, no exterior, a diversidade de formatos é ainda maior, isto é, pior. O Zotero permite que com uns cliques você reformate toda a sua bibliografia em um instante.

Mas há outro uso ótimo do Zotero. Quando você procura um título no [Google Acadêmico](#), basta clicar em um botão para que o programa importe as referências que você escolher. Às vezes, rolam uns erros na importação, mas nada muito grave. Igualmente, se o livro existir na [Amazon](#), ele também importa a referência direitinho.

Há quem use também o *plug-in* do Zotero para Word, pois permite a inclusão das referências enquanto o texto é escrito. Você adiciona a referência e, ao final, ele cria a bibliografia automaticamente. Esse é o jeito certo de usar o Zotero, mas como nem todos os meus coautores o usam, eu gero a bibliografia "na mão", selecionando os artigos que eu citei. [Aqui](#) você tem um vídeo joia em português sobre o Zotero, incluindo a inserção de formato ABNT.

Sites e blogs

Pos-graduando: <http://www.posgraduando.com/> É o mais completo e profissional *site* brasileiro sobre o assunto.

Ciência na Prática: <http://cienciapratica.wordpress.com/> Excelente *blog* escrito por dois físicos, cobre muitos dos assuntos tratados neste livro e é muito didático.

Análise Real: <http://analisereal.com>. O autor é economista, mas a ênfase é na análise de dados e nas armadilhas da estatística.

Portal da Escrita Científica USP São Carlos:

<http://www.escritacientifica.sc.usp.br/> Muito material didático sobre técnicas de escrita científica, em português e inglês.

Statistical Modeling, Causal Inference, and Social Science:

<http://andrewgelman.com/> Não é para iniciantes, mas ocasionalmente escreve sobre gráficos e boas práticas da pesquisa empírica para principiantes. Um dia eu entenderei tudo que ele escreve.

Prisma científico: <http://prismacientifico.wordpress.com/> Bom *blog* escrito psicobiólogos (não sei direito o que é isso, mas eles escrevem bem!).

Livros de técnicas de pesquisa

AVILA BERNI, D. DE. **Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento**. Porto Alegre: Ganges, 1998. Abrangente e divertido, deveria ser o livro texto para os envolvidos em pesquisa em Economia.

ELTON, G. R. **The practice of history**. London: Sydney University Press 1967. Classicção. Um historiador de verdade escrevendo sobre o seu ofício. Mesmo não sendo da área, eu recomendo.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977. Pega bem colocar na bibliografia, mas é bem careta e meio anacrônico. Contudo, como até lista de compras do Umberto Eco é bem-escrita, vale a pena ler.

LUKER, K. **Salsa dancing into the social sciences: Research in an age of info-glut**. Harvard University Press, 2008. O primeiro grande livro pós-internet de pesquisa em Ciências Sociais. A autora é uma demógrafa que, depois, foi para a sociologia, mesmo assim, o livro pode servir para todos.

Livros sobre a escrita

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. São Paulo: FGV, 2004. O livro tem mais edições do que a Bíblia (e é bem mais útil). Tudo o que você gostaria e não gostaria de saber para escrever bem em português.

MCCLOSKEY, D. N. [Economical writing](#). Prospect Heights, IL: Waveland Press 2000. A Deirdre tem a melhor prosa que a Economia já viu e elaborou um breve guia de escrita útil não só para economistas, mas também para seres humanos.

Livros muito profundos mesmo

ADAMS, D. **O guia do mochileiro das galáxias**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. Filosofia disfarçada de livro de humor e ficção científica. Não veja o filme.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Editora da Unesp, 2007. O autor foi orientado pelo Popper, mas – talvez por isso mesmo – virou o anti-Popper. Anarquista, malucão, ele não deixa pedra sobre pedra no castelo da ciência. Recomendado para que você mantenha o ceticismo em relação à pesquisa científica. Só não leve ao pé da letra.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2001. Coisa para filósofo, mas vale a pena encarar para você ver se gosta mesmo do assunto.

SAGAN, C. **O mundo assombrado por demônios**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. Bela defesa da ciência contra os bárbaros pelo autor que, através da série de TV *Cosmos*, fez uma geração de moleques se interessar por Biologia e Astronomia.

###

Leo Monasterio é pesquisador do Ipea e professor da UCB. Ele vive em Brasília e vai aprender a falar francês até 2020 (com uns oito anos de tolerância). Enquanto isso, escreve no blog lmonasterio.blogspot.com e no twitter [@lmonasterio](https://twitter.com/lmonasterio) sobre assuntos que interessam a bem pouca gente.

###

[1] Se você é de uma das áreas das ciências exatas, aprenda a usar o [Latex](#).

[2] Essa regra, na verdade, vale para todos os alunos.

[3] Meus advogados pedem para dizer que eu não tenho culpa se você for demitido por instalar o [Dropbox](#) sem autorização.

[4] Uma dica para senhas. Não use palavras que existem ou obviedades. Existe gente que busca quebrar as senhas usando dicionários e sua obrigação é dificultar o trabalho deles. Uma forma de ter uma senha robusta e, ao mesmo tempo, fácil de lembrar é pensar em uma frase qualquer e, então, usar só as letras iniciais. Ex.: "Este livro é a maior maravilha de 2013", geraria uma senha como "Eleammd2".

[5] Uso no gênero feminino porque o clichê ainda é verdadeiro. A maior parte das bibliotecárias são mulheres, bem como a maior parte dos assassinos seriais são homens. Assim, escrevo as bibliotecárias e os assassinos. Peço perdão aos bibliotecários e às assassinas pelo uso do gênero incorreto dos substantivos.

[6] No meu *blog*, eu tenho *links* para a Amazon que me dão alguns centavos na loja por cada compra. O que ganhei por ano me rende o suficiente para comprar uma empada de frango e uma coca zero.

[7] Escrevo em 2013. Seres humanos do futuro, por favor, não riam desse trecho. Nossa tecnologia era muito atrasada. Agora, vão brincar com seus *holodecks*.

[8] Uma nota feliz: a banca de seleção do mestrado estranhou a carta de mestrado e entrou em contato com o curso de origem. Esclarecida a situação, o aluno foi aceito no mestrado que desejava.

[9] Dica do [Análise Real](#).

[10] Sim, eu sei que existem DCEs sensatos. São a exceção.

[11] Só não vi letras do Djavan. Talvez, fique legal em uma tese sobre dadaísmo, ou sobre o próprio Djavan.

[12] Apesar dos boatos, não foi o Carlos Drummond de Andrade quem disse isso.

[13] "Sucesso", no dicionário do professor universitário: substantivo masculino.

1. Fazer do aluno uma cópia do professor. Nota: os professores negam esta definição.

[14] Certa vez, eu ouvi uma apresentadora dizer "Since I understand myself as people...".

[15] Não sei quem é o autor da ótima frase. Eu a ouvi da boca do professor Duílio Bêrni, que jura não ser seu criador.

[16] O nome é uma homenagem ao César Lattes, físico brasileiro, que foi

importante para a criação das instituições de pesquisa no Brasil.

[17] Thanks, Mestre Duílio.

[18] Se, nos computadores da universidade, você fizer a busca através do [Google Acadêmico](#), os resultados, por vezes, são acompanhados de um *link* direto via [Periódicos Capes](#). Às vezes, contudo, não funciona.

[19] Sim, eu sei que dá para salvar os PDFs juntos na biblioteca do [Zotero](#), mas não tenho coragem para isso. Temo perder tudo.

[20] Existe uma tal de [Pomodoro Technique](#) que sugere, entre outras coisas, o uso de um daqueles *timers* de cozinha para lhe induzir a trabalhar 25 minutos sem interrupção.

[21] Confissão: o livro que você está lendo é resultado de uma aplicação da procrastinação estruturada durante a minha última década da vida.

[22] Não é raro que as disciplinas e livros sobre a elaboração de trabalhos de construção sejam feitos por pessoas que não trabalham em pesquisa. Eles virão com muitas normas, mas sem a experiência prática em pesquisa. É como ensinar a cozinhar, sem ter nunca fritado um ovo e só tendo lido os livros de culinária.

[23] "Cedo demais para saber" teria sido a resposta de Mao Tsé Tung.

[24] AVELINO, George; BIDERMAN, Ciro; BARONE, Leonardo S. Articulações intrapartidárias e desempenho eleitoral no Brasil. Dados, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, Dec. 2012

[25] BENNETT; MILLER, M. B.; WOLFORD, G. L. Neural correlates of interspecies perspective taking in the post-mortem Atlantic Salmon: An argument for multiple comparisons correction. **NeuroImage**, v. 47, n. 1, p. S125, 2009.

[26] Tem também aquele que interrompe um papo legal para contar do assalto da prima, tratamento de canal ou piada machista. A Convenção Internacional Direitos Humanos aprova que sejam dados uns cascudos nesses casos. Eu ouvi dizer.

[27] Propaganda gratuita: neste livro eu usei os serviços de revisão do [Ateliê do Texto](#) de Porto Alegre. Gostei bastante.

[28] SOKAL, A.; BRICMONT, J. **Imposturas intelectuais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

[29] Existe uma diferença. A revista Social Text é uma das mais respeitadas da área, enquanto as pegadinhas da Física e da Matemática foram em lugares com pouca ou nenhuma reputação.

[30] Para avaliar os pesquisadores com maior reputação, um bom indicador é ver o número de citações que eles receberam. Existem diversos índices de impacto de pesquisadores e artigo, mas uma forma rapidinha de ver isso é uma olhada no [Google Acadêmico](#).

[31] Ele não faz isso porque é mau ou lhe persegue. Ele rejeita porque o número de bons pareceristas (ou seja, rápidos e criteriosos) é restrito e ele quer preservá-lo da fadiga. É duro receber uma rejeição do editor – eu sei na pele – mas faz parte da vida (acadêmica).

Sumário

Prefácio	7
Agradecimentos	10
Apresentações em congressos e seminários	11
Aulas	13
Backups	16
Bibliotecas e bibliotecárias	17
Blogs, Facebook, Twitter e o que mais vier	18
Bolsas	19
Brigas, críticas e debates	24

Caderno de campo	27
Cartas de recomendação	29
Ciência e picaretagem	32
Coautoria	35
Concursos para professor	36
Congressos	37
Dados	38
DCEs e centros acadêmicos	41
Defesas	42
E-mail	44
Epígrafes	46
Escrita	47
Frequência	51
Estudo	52
Formatura	53

Google	54
Graduação	57
Gráficos	59
Inglês e outras línguas	65
Khan Academy e cursos on-line	67
LaTex e Lyx	68
Lattes	69
Notas	70
Orientador	71
Parecer	74
Periódicos Capes	75
Plágio	76
PowerPoint	77
Procrastinação	79

Projeto de monografia	81
Qualis	88
Rejeição	89
Reuniões	90
Revisão de literatura	91
Revisão de texto	95
Sokal, o caso	97
Submissão para publicação	98
Tabelas	100
Tese- dez mitos	101
Título	103
Universidade (escolha da)	104
Xerox, pdf e livros	106
Webpage pessoal	107

Wikipedia	108
Working papers	109
Yahoo	110
Zotero e as referências bibliográficas	111
Leituras recomendadas	112
Sobre o autor	116
em verbetes de A até Z	5
Referências	111
[1]	116
Zotero	111
segredo	58
[2]	116
[3]	116
[4]	116

[5]	116
[6]	116
procrastinação	79
[7]	116
[8]	116
[9]	116
apresentações de congressos	11
[10]	116
Tese	101
caderno de campo	27
[11]	116
[12]	116
[13]	116
[14]	116

[15]	116
[16]	116
[17]	117
[18]	117
[19]	117
[20]	117
[21]	117
[22]	117
orientador	71
[23]	117
revisão de literatura	95
[24]	117
Ciência e Picaretagem	32
[25]	117
Projeto	81

[26]	117
Google Acadêmico	54
[27]	117
[28]	117
[29]	117
plágio	76
[30]	117
[31]	117
LaTex	68
Revisão	95
gráfico	59
Revisão da Literatura	91
[1]	9
Latex	68
[2]	15

[3]	16
[4]	16
[5]	17
[6]	18
[7]	27
[8]	29
[9]	35
[10]	41
[11]	46
[12]	48
[13]	58
[14]	65
[15]	67

[16]	69
[17]	71
[18]	75
[19]	75
[20]	79
[21]	79
[22]	81
[23]	83
[24]	85
[25]	87
[26]	91
[27]	95
[28]	97

[29]	97
[30]	98
[31]	98